



Universidade de Brasília - Faculdade de Comunicação
Faculdade de Comunicação
Departamento de Audiovisual e Publicidade

“O Céu e O Cerrado”

Pré-etapas do Curta-Metragem Animado sobre uma lenda do céu e cerrado de Brasília.

Carlos Guilherme Silva de Paula

Brasília
2025

CARLOS GUILHERME SILVA DE PAULA

O Céu e o Cerrado Projeto de curta-metragem.

Trabalho de conclusão de curso apresentado na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Audiovisual.

Orientador: Prof. Dr. Mauricio Fonteles

Brasília

2025

CARLOS GUILHERME SILVA DE PAULA

**CÉU E CERRADO - PRÉ ETAPAS DO CURTA METRAGEM ANIMADO SOBRE
UMA LENDA DO CÉU E CERRADO DE BRASÍLIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Audiovisual.

Brasília, 21 de fevereiro de 2025

MEMBROS DA BANCA EXAMINADORA

Orientador Prof. Mauricio Gomes da Silva Fonteles

Prof. Denise Moraes Cavalcante

Prof. Mauro Giuntini Viana

Suplente Prof. Josianne Diniz Gonçalves

Agradecimentos

Muito obrigado a Universidade de Brasília por me proporcionar um espaço de crescimento pessoal e intelectual. Agradeço a todos os professores, amigos, colegas e estruturas que me inspiraram a caminhar, comunicar, sonhar e me propulsionar para o futuro. Obrigado também a minha família por me proporcionar o privilégio de poder fazer parte desse universo sem tantos pesares.

Gostaria de agradecer especialmente aos meus amigos Bruna Cardoso, Lucas Nunes, Marcus Araújo, Sthael Patrício, Priscylla Fabiana por terem me apoiado, caminhado comigo e estimulado a finalizar essa etapa, sem vocês eu jamais conseguiria chegar tão longe.

Resumo

Este memorial descreve o processo de produção do projeto de animação 2D para o curta-metragem Céu e Cerrado, a Lenda. O curta-metragem busca oferecer através da animação 2D alternativas de masculinidades para combater as masculinidades hegemônicas que oprimem diverso grupo da sociedade, incluindo o meio ambiente. Para a elaboração da narrativa, foi feita uma pesquisa sobre as temáticas das masculinidades pelos universos do cinema, psicologia e da ecologia a fim de compreender como esse grupo atua nesses universos e como suas vivências.

Palavras-chave: animação 2D; masculinidades hegemônicas; Ecologia; Relacionamentos LGBTQIA+.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 - MORRO QUE INSPIROU A HISTÓRIA	31
FIGURA 02 - VISTA DO PONTO ALTO DO MORRO	32
FIGURA 03 - CORRIDA PARA DESCER O MORRO	33
FIGURA 04 - CORRIDA PARA DESCER O MORRO	33
FIGURA 05 - NUVENS DAQUELA TARDE	34
FIGURA 06 - CRÂNIO ENCONTRADO NO CERRADO.....	35
FIGURA 07 - MINHA MÃE COLHENDO PINHAS.....	35
FIGURA 08 - MEU IRMÃO NA RESERVA DA NOSSA INFÂNCIA	35
FIGURA 09 - MINHA FAMÍLIA	36
FIGURA 10 - BEIRADA DO PRIMEIRO RIO. REVISITANDO MEMÓRIAS DE INFÂNCIA	37
FIGURA 11 - EXPLORANDO O ESPAÇO DE MEMÓRIAS DE INFÂNCIA	37
FIGURA 12 - A JORNADA DO HEROI	43
FIGURA 13 - RESILIENCE - YUNIE CHOI (2024)	49
FIGURA 14 - AKUMA-KUN - JUNICHI SATO (2023)	49
FIGURA 15 - SONGBIRD, PRINSCIIA, 2024	50
FIGURA 16 - SONGBIRD, PRINSCIIA, 2024	50

SUMÁRIO

1. Introdução	08
2. Problema de Pesquisa	10
3. Justificativa	12
3.1 Da pauta socioambiental e do bioma Cerrado	12
3.2 Linguagem Animação	13
3.3 Linguagem Roteiro	14
4. Referencial Teórico	15
4.1 Homens no cinema	15
4.2 Masculinidades hegemônicas	18
4.3 Masculinidades Ecológicas	21
5. Metodologia	27
5.1 Roteiro	28
5.1.1 Personagens	41
5.1.2 Céu	43
5.1.3 Cerrado	45
5.1.4 Olhos Malignos	47
5.1.5 Homem de Botas Brilhantes	48
5.1.6 A Criança	48
5.2 A proposta de direção	48
6. Conclusão	51
REFERÊNCIAS	53
NOTÍCIAS	54
FILMOGRAFIA	56
ANEXO 1 - Roteiro	57

1. Introdução

Este memorial disserta o desenvolvimento do universo “O Céu e o Cerrado”, apresentando como produto final um projeto de animação. A pesquisa se preocupa em refletir sobre masculinidades em busca de autoconsciência e autocuidado. O produto busca valorizar e conscientizar, através da linguagem animação e o poder de sua narrativa visual fantástica, temas socioambientais em uma fantasia que constrói uma lenda sobre o Céu e o Cerrado de Brasília.

A escolha do formato animação se dá primordialmente por minha proximidade com produtos animados desde minha infância. Na conclusão do curso vi a oportunidade de explorar mais esse campo que pude acessar no primeiro semestre de 2021 através da Oficina de Animação lecionada pelo professor Ítalo Cajueiro, a fim de enriquecer a minha graduação (que até então se desenvolveu muito no universo do *live action*). Além disso, a utilização da animação permite uma capacidade ímpar de comunicar assuntos densos e difíceis de serem processados, de maneira lúdica e simbólica, tanto para adultos quanto para crianças. (BARBOSA JÚNIOR, 2005, p. 13)

A narrativa passa em um período muito próximo do contemporâneo dentro do Distrito Federal. Ela aplicará um formato estético de lenda e aventura, isso porque as lendas estimulam o imaginário, desenvolvem um senso de identidade coletiva, comunicam conhecimentos, ensinamentos e sabedorias que perpassam gerações. Normalmente comunicado através da fala, elas produzem laços afetivos entre essas gerações que compartilham tais narrativas entre si e, conseqüentemente, fazem com que o receptor que os recebe internalize os temas levantados pelas lendas de uma maneira única e verdadeiramente significativa. Traço esse que compartilhamos desde nossa origem com o homem primitivo.

O homem primitivo não se interessa pelas explicações objetivas do óbvio, mas, por outro lado, tem uma necessidade imperativa, ou melhor, a sua alma inconsciente é impelida irresistivelmente a assimilar toda experiência externa sensorial a acontecimentos anímicos. (...) Todos os acontecimentos mitologizados da natureza, tais como o verão e o inverno, as fases da lua, as estações chuvosas etc., não são de modo algum alegorias[9] destas experiências objetivas, mas sim, expressões simbólicas do drama interno e inconsciente da alma, que a consciência humana consegue apreender através de projeção – isto é, espelhadas nos fenômenos da natureza. (Jung, 2000, p. 20)

Este trabalho se divide em duas partes, a primeira levanta um referencial teórico sobre as problemáticas do universo das masculinidades no cinema, na psicologia e na ecologia,

levantando como a presença e a ausência do homem afeta diretamente esses universos. A segunda parte do trabalho fala sobre o meu processo, reflexões e desafios ao construir esse projeto através do roteiro e proposta de direção.

A narrativa do produto orbita principalmente em torno das temáticas: autodescoberta e os danos das masculinidades hegemônicas para o meio ambiente, para o social e o indivíduo. Como subtemas, o trabalho também envolve outros temas pertinentes como: valorização do bioma cerrado como elemento cultural, processos artísticos, amadurecimento e amor LGBTQIA+.

É o conhecimento que muito se difunde no marketing nos últimos tempos, pessoas se conectam com pessoas. Para tocar nessas temáticas durante o desenvolvimento da narrativa e para a construção do diálogo de conceitos do referencial teórico, este trabalho focou nas temáticas das masculinidades, ecologia e brevemente sobre o inconsciente coletivo. Para detalhes técnicos de roteiro e narrativa foram consultados Story (MCKEE, Robert, 1997) e Da Criação ao Roteiro (Doc Comparato, 1984).

O objetivo é a realização de um projeto de animação para a conclusão do curso de Audiovisual da Universidade de Brasília a ser realizado no segundo semestre de 2024.

2. Problema de pesquisa

O Cerrado é um bioma pouco explorado pelas narrativas audiovisuais brasileiras. Na maioria de suas aparições, suas narrativas giram em torno da vivência da escassez e da precariedade como, por exemplo, no Cinema Novo, movimento que representou o lado mais visceral da fome do Brasil. Nele tivemos vários retratos de um Cerrado que precisava ser superado para sobreviver, noções e símbolos que nos distanciam do bioma.

Se não através dessa ótica da romantização da fome, nós vemos o cerrado em documentários, que de forma direta e impactante, alertam sobre a urgência da preservação desse Bioma, como, por exemplo, o *Sertão Serrado* (Dagmar Talga, 2016), que de forma extremamente gráfica revela os danos da agropecuária e da monocultura ao bioma e às comunidades que dependem diretamente dele. O documentário é profundamente informativo e revelador, porém ele ativa o receptor através do senso de urgência, sentimento esse que os brasileiros, em profunda fadiga, já estão saturados de experienciar, e quando temos exceções nos gêneros, as mensagens costumam ser literais no seu tom de conscientização. Essa representação evidencia uma lacuna das narrativas fantásticas, que romantizam o mágico, a beleza que existe neste grande universo. Essa lacuna denuncia também a falta de rostos e personalidades que nos ajudem a nos conectarmos profundamente com o bioma.

Como exceção, trago o recente curta *VELLOZIA* (Pedro de Castro Guimarães, 2023), que de forma poética e educativa apresenta alternativas práticas e lúdicas para reconstruir áreas desmatadas e contribui para a construção desse novo olhar para o cerrado. No curta nós experienciamos muita magia, afeto e troca com o meio ambiente, mas a narrativa não conecta aquele universo com as motivações profundas e significativas dos indivíduos para além da necessidade de preservação e sobrevivência, não conecta profundamente as pessoas à natureza.

Ao não expor a falta que a natureza faz dentro da profundidade humana, seja através do místico de seus símbolos, através da transformação climática positiva que podemos trazer de volta para o espaço geográfico, seja através da cura e calma que a convivência com o meio ambiente promovem para o psicológico e emocional, seja do recobrar do valor que cada vida tem, ou, ainda, o senso de propósito que um humano, como animal, pode recobrar ao redescobrir sua função dentro desse ecossistema, dentre vários outros aspectos, desejos e necessidades que estão no profundo de cada pessoa. Sem a natureza nós não alcançaremos um engajamento transformador significativo e perene.

Num movimento de buscar no contemporâneo onde estão os principais agentes responsáveis pelos danos e também um público que precisa ser alcançado, encontrei nos homens os maiores índices de desinteresse, falta de engajamento e real propósito (Hultman e Pulé, 2023).

Com essas informações surgiu a dúvida, como conectar os dois universos que por tanto e há tanto estão separados? Para ser mais preciso: este projeto se propõe a investigar como conectar a mensagem de preservação ambiental e ecologia, mais especificamente para o bioma cerrado, com o público jovem adulto e adulto masculino do Distrito Federal por meio de uma narrativa que se constrói ao redor da temática ambiental e de cuidado masculino, explorando os problemas comuns a esses grupos no contemporâneo. Tudo isso a partir de uma lenda brasileira em animação 2D.

Alinhadas a este tema, outras perguntas que este produto busca responder são:

- a) Como, através da linguagem animada, bem representar e valorizar o bioma cerrado?
- b) A criação e utilização de uma lenda ambientada no Cerrado do Distrito Federal consegue potencializar a mensagem de conscientização ambiental e construir um senso coletivo cultural?
- c) Como conectar homens e natureza a fim de ajudá-los a construir um relacionamento significativo, profundo, de mútua troca e convivência?

3. Justificativa

“Céu e Cerrado, a Lenda” surge da minha necessidade de me reconectar às memórias compartilhadas com o bioma. Memórias em que o cerrado me permitiu aliviar ansiedades, traumas, fortalecer e nutrir laços familiares. A narrativa também surge na necessidade do estímulo à preservação do Bioma, no contexto de grandes desmatamentos que ocorrem e crescem nos últimos anos, a fim de gerar mobilização da população local.

Para isso, acredito que preservamos e direcionamos cuidado àquilo que conhecemos intimamente ou que reconhecemos no outro. Para atingir esse local, e para encontrar o meu lugar nesse universo, escolhi falar sobre vivências e vulnerabilidades masculinas.

3.1 Da pauta socioambiental e do bioma Cerrado

Há muito tempo o espaço verde do país vem sendo violentamente atacado, mas no período de 2010 até 2025 tivemos muitos episódios que extrapolaram os danos sobre a fauna e a flora de todo o país. Tribos indígenas perderam mais e mais suas demarcações, biomas entraram em risco de extinção, florestas destruídas por queimadas, rios, ecossistemas e cidades inundadas e sobrepujadas por barro, outras florestas derrubadas por afrouxamentos de leis de proteção ao meio ambiente e, por consequência, diversos danos à fauna, a biodiversidade e a todas as comunidades que vivem dependentes dessas florestas.

Com o cerrado não houve exceção, considerando 39 anos de queimada, a área destruída no Cerrado é proporcional ao território do Chile e da Turquia, totalizando 88 milhões¹ de hectares de dano em um dos biomas mais importantes e mais menosprezados pelos brasileiros.

O Cerrado representa 1/3 de toda a biodiversidade do Brasil, sendo a Savana mais rica em biodiversidade do mundo e o segundo maior bioma do país, além de ser uma grande reserva de água que alimenta 6 das 8 bacias hidrográficas do país². O bioma comporta nascentes de 8 das 12 regiões hidrográficas brasileiras e três grandes aquíferos: Guarani, Bambuí e Urucuia. Danos para tal ecossistema afetam esferas culturais, sociais e estruturais

¹ Rosa, João. Incêndios devastam 88 milhões de hectares no Cerrado em 39 anos, diz estudo. **CNN Brasil**, Brasília, 11 de setembro de 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/incendios-devastam-88-milhoes-de-hectares-no-cerrado-em-39-anos-diz-estudo/#:~:text=Considerado%20um%20dos%20cinco%20grandes,9%2C5%20milh%C3%B5es%20de%20hectares>

² WWF Brasil: Manifesto do Cerrado, 2017.

do país inteiro e, por consequência, geram um grande desequilíbrio climático no país³. Isso porque o cerrado é diretamente responsável pela alimentação de água, através das suas grandes reservas, para os outros biomas nacionais.

Além disso, o desmatamento no cerrado é especialmente problemático, porque este ecossistema possui características diferentes dos demais. Ele é muito mais velho e sua biodiversidade é a culminação da adaptação de milhares de anos e, ao ser destruída, ela não retorna⁴ a ser o que um dia foi. Além disso, ele possui uma altíssima concentração de carbono, tanto em seus gases liberados naturalmente quanto na sua biomassa acumulada no solo. Ao desmatar esse bioma, o carbono armazenado é liberado e eleva em demasia as taxas no ar, dano profundamente problemático não apenas para o país quanto para o planeta que há muito sofre do aquecimento global. Apesar disso, de acordo com o IPAM⁵, o Cerrado é o bioma que mais queimou no país nos últimos 39 anos. Totalizando 88 milhões de hectares atingidos pelas chamas entre 1985 e 2023, uma média de 9,5 milhões de hectares por ano.

Estas são apenas algumas das várias questões que o bioma sofre e menosprezar o Cerrado é um erro perigoso. Por isso é urgente um contramovimento em prol da proteção e debate ambiental, do reflorestamento e da conscientização para que essas pautas voltem a ter a devida importância para nossa sociedade. E, por consequência, devolver o peso desse tópico nos momentos de decisões dos nossos representantes políticos. Este projeto pretende contribuir neste debate a fim de comover, promover conexão e estimular a preservação do bioma cerrado.

3.2 Da escolha da linguagem animação

O uso da animação se justifica, em primeira instância, pela capacidade fantástica/mágica representativa que a animação permite, um universo sem limites visuais.

³ Boyadjian, Victor; André, Diogo; TV Globo. DF iguala pior seca da história e registra 3 mil queimadas em setembro; veja vídeo 360° de áreas destruídas pelo fogo. **G1**. 03 de outubro de 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2024/10/03/df-igual-pior-seca-da-historia-e-registra-3-mil-queimadas-em-setembro-veja-video-360o-de-areas-destruidas-pelo-fogo.ghtml>

⁴ Agência Fapesp, Sistema Nacional de Informação de Bosques “SNIF” “Uma vez degradado, o Cerrado não se regenera naturalmente” Disponível em <https://snif.florestal.gov.br/es/ultimas-noticias/474-uma-vez-degradado-o-cerrado-nao-se-regenera-naturalmente>

⁵ Boyadjian, Victor; André, Diogo; TV Globo. DF iguala pior seca da história e registra 3 mil queimadas em setembro; veja vídeo 360° de áreas destruídas pelo fogo. **G1**. 03 de outubro de 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2024/10/03/df-igual-pior-seca-da-historia-e-registra-3-mil-queimadas-em-setembro-veja-video-360o-de-areas-destruidas-pelo-fogo.ghtml>

Ademais, a sua capacidade de abstração permite a inserção de vários signos que comunicam muito e conversam com partes não tão racionais da nossa mente de forma super eficaz.

“Com a ajuda dos símbolos da arte podemos manifestar impulsos e valores significantes que, de outra maneira, não teriam como ser comunicados ...”
(BARBOSA JÚNIOR. 2005. p. 13)

Nos encontramos entre significados e símbolos visuais que se inspiram na realidade e que, na animação e ilustração, ganham diferentes, novas e lúdicas representações. Por isso ela nos permite debater assuntos complexos e pesados de maneira lúdica, educativa e simbólica, trazendo esse debate para uma esfera mais acessível para um público geral. Indo além, a animação, junto a outros elementos do audiovisual, possui uma capacidade ímpar de tocar no emocional de uma sociedade e construir vínculos entre os indivíduos e as entidades abordadas pelas estórias.

3.3 Do produto roteiro

Embora esse universo tenha se originado de uma cena real e extremamente visual, para a construção desse e qualquer outro universo, o roteiro é a base e o cerne de um produto audiovisual bem-planejado. É a partir do roteiro que reflexões, signos e metáforas surgem, dialogam e culminam em um produto que verdadeiramente se comunique com as pessoas. Para que ele possa também surgir em outros espaços do audiovisual, é importante que várias decisões sejam tomadas para que esse universo se consolide. Decisões essas que, eventual e naturalmente, demandarão o crescimento desse universo no visual, sonoro, estético, ritmo e nas mais diversas esferas do audiovisual.

O meu desejo pessoal seria de executar diversas das pré-etapas de uma animação, porém acredito que para o trabalho de conclusão do bacharelado em audiovisual, suas demandas e prazos, um produto que poderá ter qualidade densa seria o roteiro, já que dentre as demais partes da pré-produção esta é primordial para todo o universo.

4. Referencial Teórico

Para a construção da narrativa e para gerar conexão entre o espectador e os personagens, utilizei da pesquisa do referencial teórico para aprofundar no campo de estudos das masculinidades de uma perspectiva pró feminista. A pesquisa sobre as masculinidades foi acessada pelos campos do cinema, da psicologia e da ecologia. A partir dela foi possível entender vivências comuns entre homens tal qual os danos que eles causam pela falta de “alfabetização emocional.” Essa etapa é a responsável pela construção de uma crítica embasada a sistemas hegemônicos que tanto danam a nossa sociedade.

4.1 Homens no cinema

O universo do cinema é um dos vários canais e indústrias controlados pela dominação dos homens e do masculino. Por conta disso, esse mercado reflete a dinâmica da nossa sociedade patriarcal, com narrativas que conservam a visão do masculino e propaga a cultura que dissemina e perpetua o projeto de masculinidade hegemônica, por meio do desenhar as funções e papéis de gênero na qual esse sistema se baseia⁶.

No universo da produção audiovisual nós temos uma predominância discrepante de homens brancos, cis e heteronormativos nas cabeças de equipes e de toda a indústria. Como bem revelado pela pesquisa *The Celluloid Ceiling: Behind-the-Scenes Employment of Women on the Top U.S. Films of 2020* da autora Martha M. Lauzen (2020) em seu artigo que mapeou a empregabilidade de mulheres na indústria estadunidense durante o período de 2015 e 2020 nos top 100 e 250 filmes de maior bilheteria. O trabalho revelou que ao passar desses últimos seis anos, o ponto mais alto da presença feminina nessa indústria foi o recorde de apenas 21%. Ou seja, menos de ¼ da equipe total dos top 100 filmes dessas equipes eram compostas por mulheres e as demais funções eram compostas por homens. Para a pesquisa foram levantadas as áreas de direção, roteiro, produção, produção executiva, cinematografistas e editores.

A ausência de diversidade nos papéis de liderança, na construção das narrativas e das estéticas dificultam a intervenção e construção de narrativas plurais, alternativas. Em um sistema majoritário de homens heteronormativos, as regras hegemônicas funcionam em pleno vigor e mesmo que haja uma representatividade pequena dentro dessa indústria com mulheres, homens trans e não binários, que discordem de como a narrativa está sendo

⁶ “Dominante, o cinema feito em Hollywood é construído de acordo com o inconsciente patriarcal; as narrativas dos filmes são organizadas por meio de linguagem e discurso masculinos que paralelizam-se ao discurso do inconsciente.” Kaplan, 1995, p. 53

comunicada, muitos optam pelo silêncio a fim de preservar seus espaços de difícil conquista dentro desse mercado.

Os fatos estão postos, os homens dominam e usufruem dessa dominação nesse universo. A perpetuação e conformidade com essa estrutura alimenta danos não apenas nesse universo de produção como também afeta diretamente a cultura de uma ou várias sociedades e conseqüentemente na vida privada. Menos diversidade nas produções levam também a menos pessoas com vivências de diversidade participando da criação das mídias, o que leva a produção de conteúdos que vendem uma ideia de mundo muito limitada.

Há muito tempo, escritoras feministas já identificaram alguns dos danos dessa estrutura dentro do universo feminino. As autoras L. Mulvey (1989) e E. Ann Kaplan (1983) elaboraram na vanguarda do cinema feminista sobre os danos e efeitos do olhar masculino sobre e junto da sociedade. Como levantado por elas, esse olhar perpassa inclusive todas as camadas dessa indústria, passando pela câmera, para a narrativa e enfim para o espectador masculino⁷.

Nesta indústria, a mulher é desenhada narrativamente como objeto de prazer e desejo, sempre uma reorganização da imagem do feminino real, para servir ao olhar patriarcal e sendo disseminada na cultura de tal forma. A mulher é tida como virtuosa quando se subjugua e é complacente em assumir o papel ideal⁸; e quando ela subverte essa ordem, automaticamente perde suas virtudes e se aproxima de “qualidades masculinas”, *“(...)perdendo a bondade, humanidade, maternidade. Agora ela é quase sempre fria, enérgica, ambiciosa, manipuladora, exatamente como os homens cuja posição usurpou”*, (Kaplan, 1983, 51). Porém, assim como construído pelos melodramas do antigo cinema hollywoodiano, quando ela atinge o poder de decisão, ela é punida de alguma forma, tendo seu final feliz negado/usurpado.

⁷ De acordo com Laura Mulvey, tal erotização da na tela efetua-se através do modo como o cinema estrutura-se em torno de três olhares explicitamente masculinos: há o olhar da câmera na situação que está sendo filmada (chamada de evento pró-filmico); apesar de ser tecnicamente neutro, esse olhar 6, como já vimos, essencialmente voyeurístico e via de regra "masculino" no sentido de que normalmente é um homem que está fazendo a filmagem; há o olhar do homem dentro da narrativa, que é estruturado para fazer da mulher objeto de seu olhar; e, finalmente, há o olhar do espectador masculino (que discutimos acima) que imita (ou está necessariamente na mesma posição que) os dois outros olhares.

⁸ “No cinema, as mulheres não funcionam, portanto, como significantes de um significado (a mulher real) como supunham as críticas sociológicas, mas como significante e significado suprimidos para dar lugar a um signo que representa alguma coisa no inconsciente masculino”. (Kaplan, 1995, p. 53).

Em contraste, o homem nesse universo é sempre representado como o detentor do poder de ação. Capaz de mover as narrativas com o seu desejo, é o único que não sofre consequências nas narrativas ao externalizá-lo. Esses homens são, porém, figuras distantes da identidade real do homem, uma projeção de homens viris, geniais, militares, milionários, lutadores, heróis que travam suas guerras através da disputa de força e poder.

Todos os homens fora desses estereótipos são alvos da chacota, são tratados como piada social, o homem afeminado, sensível, com deficiência, melancólico, homossexual, com sobrepeso... E não incomumente essas masculinidades alternativas recebem uma punição narrativa por sua condição ou têm suas imagens atreladas a vilões, tidos como monstros, incapazes de empatia, agressores, violentadores, violentos, destruidores. Narrativamente, a manifestação da opressão masculina é o problema e a solução vem do homem idealizado, de forma a ignorar a humanidade e características individuais, desenhando e disseminando na cultura, na sociedade e no imaginário coletivo qual homem é correto ser.

[...] O que podemos concluir com tal discussão é que nossa cultura está profundamente comprometida com os mitos das diferenças sexuais demarcadas, chamadas de "masculina" e "feminina", que por sua vez giram em torno, em primeiro lugar, de um complexo aparato do olhar e depois de modelos de domínio-submissão (Kaplan, 1995 p. 52).

Decerto, não podemos dizer que existe apenas um homem possível em todo o mundo para essa estrutura, embora exista um homem ideal nesse universo. Os valores de uma mulher e de um homem idealizados mudam de acordo com o tempo e variam também com o espaço, subgrupos... Cada contexto tem um papel definido para que cada realidade tenha mecanismos de controle social entre si e os outros, um controle herdado por nascer com essa genitália, com essa classe, com esse privilégio. Porém, a dominação da figura masculina idealizada sobre as mulheres e os demais homens considerados “inferiores” é um fator que se mantém independente das variações por essas categorias.

Um forte exemplo de uma figura de homem problemática para o social e que é profundamente normatizada e bem aceita pela sociedade é a imagem do herói⁹ que surgiu no século XX e que se perpetua até então. Um homem que através de sua força e bravura

⁹ “Os heróis masculinos idealizados da tela devolvem ao espectador masculino seu ego mais perfeito espelhado, junta com uma sensação de domínio e controle. Para a mulher, ao contrário, são dadas apenas figuras vitimizadas e impotentes que, longe de serem perfeitas, ainda reforçam um sentimento básico preexistente de inutilidade.” (Kaplan, 1995, p. 50)

conquista e impõe sua moral sobre aqueles que divergem em visão e que por isso serão tidos como inimigos, aplicando uma violência justificada pelo fato de ele ser o herói que representa a vontade do status quo, ou a causa justificada, permitindo uma violência que é aceita pelas narrativas e normalizadas e admiradas no plano do real.¹⁰

4.2 Masculinidades Hegemônicas

Dentro do campo de estudos de gênero, mais especificamente no universo dos estudos das masculinidades, existe um conceito que engloba um grupo de comportamentos danosos perpetuados por homens no sistema social em que vivemos há muito tempo: as masculinidades hegemônicas.

O conceito surgiu primeiramente em estudos de campos em um relatório de desigualdades sociais nas escolas australianas (5 KESSLER et al., 1982), em um debate conceitual sobre a construção da masculinidade e de vivências dos corpos de homens (6 Raewyn CONNELL, 1983.) e em um debate sobre o papel dos homens na política sindical australianas e com o passar do tempo o conceito se desenvolveu, para como o conhecemos hoje, através da sociologia.

A hegemonia proposta por Gramsci fala sobre exercer a dominância sobre outros grupos e quando se trata das relações e disputas sociais temos vários recortes. Essa dominância pode ser exercida através da persuasão ou da coerção, tanto no campo da vida privada quanto na cultura de uma sociedade.

De acordo com Connell (1987) as masculinidades hegemônicas demonstram esse controle de uma forma bem sutil, embora não raramente se utilizem da coerção. Se trata de uma estrutura de poder em que homens historicamente exercem dominância e controle dos valores e normas do social através da manipulação do senso do correto e aplicando às mulheres, ao feminino, aos *genderqueers* e agêneros, suas vontades, moldando assim a sociedade para o bem estar e querer masculino.

Há muitos anos esses padrões de dominação disfarçados de um falso senso de cuidado e preservação do tradicional subjagam todas as outras individualidades divergentes da norma

¹⁰ “Os astros, tradicionalmente, não extraem necessariamente (nem tampouco primordialmente) seu "glamour" de sua aparência mas sim do poder que conseguem exercer no mundo cinematográfico em que atuam (p. ex., John Wayne); esses homens, como nos mostrou Laura Mulvey, tornam-se ideais do ego para os homens da plateia, correspondendo a imagem no espelho, que tinha mais controle da coordenação motora do que a criança que a olhava.” (Kaplan, 1995, p. 51)

masculina, do homem, do branco, do cristão, trabalhador e bem-sucedido, do heterossexual etc.

Porém, se de um lado esses homens perpetuam as masculinidades hegemônicas — alimentam, se beneficiam e nutrem uma dominação masculina acima dos demais — por outro eles também punem, omitem, ridicularizam e subordinam as suas próprias individualidades. Para o projeto de masculinidade hegemônica, é importante que haja homens divergentes, isso porque as imagens do homem ideal no imaginário coletivo, são construídas com o objetivo específico de afastar os homens comuns, da satisfação e plenitude de ser, do “ser suficiente”.

Esse sistema é construído de tal forma para que também os homens possam, entre eles, exercerem sua dominância e disputa com mecanismos e métricas para se subjugarem, utilizando de noções de “homens bons” e “homens quebrados”, estimulando uma eterna disputa para alcançar as recompensas e promessas dessa jornada. Outro detalhe pertinente dessa discussão é que: Nem o homem que detém o poder e constroi a projeção ideal de como o homem deve ser, e nem a grande maioria dos homens médios que perpetuam e compactuam com afimco com esse sistema, se assemelham de alguma forma com essas projeções idealizadas.

‘A masculinidade hegemônica é sempre construída em relação a várias masculinidades subordinadas, bem como em relação às mulheres. A interação entre diferentes formas de masculinidade é uma parte importante de como uma ordem social patriarcal funciona’ (Connell 1987, 183) (Tradução livre)

Tudo isso sendo apoiado, construído e movimentado através das estruturas sociais: da classe, de políticas, do conhecimento, da religião, através do domínio de recursos e também através da cultura¹¹ (Connell, 1987).

Construindo e perseguindo um ideal inatingível para qualquer homem¹², porém ensinado desde a infância, o homem comum é forçado a perseguí-lo e alcançá-lo a qualquer custo. Pois o homem bem-sucedido terá direito de não só gozar da suficiência e plenitude, mas também deterá o poder para exercer dominância sobre os demais.

¹¹ Ascendancy of one group of men over another achieved at the point of a gun, or by the threat of unemployment, is not hegemony. Ascendancy which is embedded in religious doctrine and practice, mass media content, wage structures, the design of housing, welfare/taxation policies and so forth, is. (CONNELL, Raewyn 1987)

¹² Indeed the winning of hegemony often involves the creation of models of masculinity which are quite specifically fantasy figures, such as the film characters played by Humphrey Bogart, John Wayne and Sylvester Stallone. (CONNELL, Raewyn, 1987, p. 185)

As tentativas de atender as expectativas irreais não só produzem absurdas taxas de suicídio entre pessoas alinhadas com identidades masculinas, ela também adocece homens os fazendo cair em hábitos violentos, crises emocionais, que internalizaram absurdas autoviolências e abuso de substâncias, constantemente sacrificando-se e perdendo a sua individualidade em prol de uma promessa que nunca se cumprirá. Esse sistema constrói homens que afetam todos os demais grupos sociais subjugados pelo masculino heteronormativo, contra os quais se utilizam não raramente de violências físicas e simbólicas.

Dito isso, é importante enfatizar que o homem não é somente produto das masculinidades hegemônicas, ele é parte primordial do porquê esse sistema existe. Seja por ativamente exercer os comportamentos nocivos e preconceituosos contra a sociedade e perseguir essa cultura para si, seja por sustentar e permitir que esse sistema se mantenha através da conformidade e convivência com ele, sem engajar, distanciar-se dos danos e responsabilidade e não intervir, como quem lava as mãos por não fazer o “mal”. Afinal, uma característica da hegemonia é de que quanto mais difundida for e quanto mais os grupos estiverem resignados às deturpações, menos força coercitiva será necessária para ser aplicada pelos grupos dominantes. Então, essa aceitação derrotada e a ignorância é parte do projeto.

A conformidade com esse sistema, porém, é também aceitação do crescente número e frequência de casos de feminicídio e estupro, de assassinato entre a população trans¹³ e os inúmeros casos de violência contra comunidades LGBTQIA+¹⁴. Tudo isso, abafado e amenizado pela sociedade resignada com a violência e em um estado de sobrevivência, manifesta-se também através de frases como “o divergente fez por merecer” ou que, por tentar desafiar essa estrutura dominante, ele “mereceu sofrer violência/ser violentado”.

Um dos papéis dos homens nesse contexto é o de trazer alternativas de como nós dialogaremos entre homens para mudar a realidade e romper a conformidade para que assim caminhemos juntos às pautas feministas, ambientais e LGBTQIA+. E para ir contra um dos pilares dessas hegemonias é necessário definir e trazer para a realidade alternativas sustentáveis, saudáveis e profundas de outras masculinidades para além da hegemônica dentro do nosso repertório cultural, pois como Connell disse:

¹³ Desde o início do levantamento, pelo 15º ano consecutivo, o Brasil tem sido o país que mais reporta assassinatos de pessoas trans no mundo, enquanto 73% dos assassinatos ocorreram na América Latina e Caribe - ANTRA apud TMM - pág. 78 Dossiê ASSASSINATOS E VIOLÊNCIAS CONTRA TRAVESTIS E TRANSEXUAIS BRASILEIRAS EM 2023 BRUNA G. BENEVIDES.

¹⁴ FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. 18º Anuário Brasileiro de Segurança Pública. (2024)

A masculinidade hegemônica é construída em relação às mulheres e às masculinidades subordinadas. Essas outras masculinidades não precisam ser tão claramente definidas - de fato, atingir a hegemonia pode consistir precisamente em impedir que alternativas ganhem definição cultural e reconhecimento como alternativas, confinando-as a guetos, à privacidade, à inconsciência.(Connell 1987) (Tradução livre)

É imperativo que o homem assuma sua responsabilidade e participe dessa luta contra esse cenário em todas as esferas da sociedade, inclusive na pauta ambiental. Essa estrutura que prega dominância e direito sobre os demais grupos também é aplicada ao meio ambiente (Hultman e M. Pulé 2023). É justamente com os homens coniventes que esse trabalho busca se comunicar, com aqueles que, talvez por sofrerem com o peso das masculinidades hegemônicas, tenham desenhado os inimigos no feminino ou daqueles que demonizam a própria masculinidade e não tenham repertório de como enfrentar essas barreiras.

4.3 Masculinidades ecológicas

Com o contexto anterior de como as masculinidades hegemônicas perpetuam danos enormes às identidades de gênero e a sociedade, podemos enxergar paralelos de como essa hegemonia afeta também outros campos da nossa vida.

Não raro enxergamos a natureza exclusivamente como fonte de nossos suprimentos e que ela possui um papel de nos servir, em uma dinâmica clara de dominação e poder, sujeito e objeto. Visão essa difundida por todas as plataformas da sociedade: política, cultura, e até mesmo religião.

Os humanos comumente operam como administradores da natureza diferente da humana. Isso facilitou acúmulo de bens materiais, junto com a formação de nossos valores, criatividade, leis, os sistemas que fabricamos e subsidiamos, junto com as definições e maneiras como aplicamos nosso intelecto. Ao fazer isso, nossa espécie utiliza lógicas masculinas de dominação para subordinar outras coisas vivas, efetivamente expondo o (m)antropoceno, que processou o mandato de que devemos possuir e controlar a vida não humana (...) (Hultman e M. Pulé, 2023)

Por conta deste pensamento nos distanciamos e esvaziamos a natureza de toda a sua complexidade e importância. Mas o que essa distância pode gerar? Em Arquétipos e o Inconsciente Coletivo (Jung, 1959), temos acesso ao modo como ela esvaziou um processo simbólico e importante para o homem de se encontrar e identificar nas outras formas de vida.

Afinal, para o autor, o processo de construção de mitos e narrativas partia também do projetar-se nas narrativas na vida que fluem ao nosso redor.

Além disso, no conceito de ecologia profunda de Næss, apresentado pelo livro masculinidades ecológicas de Hultman e M. Pulé (2023), acessamos uma visão de como o processo ecológico não só resgata e salva o natural, mas nos traz significado e pertencimento para com a vida. Um pertencimento que volta ao espaço em que a humanidade surgiu e no qual foi adaptada a viver.

O processo de autocuidado pode ser conectado com processos de cuidado da terra e ao fazer isso nós externalizamos a nossa versão do “eu ecológico” (NÆSS, Arne, 1972) e como essa conexão nos guia ao processo de crescimento.

Importante salientar que esse processo de conexão não pode ser construído em uma mentalidade que reduz o papel da natureza a um papel terapêutico, mas sim com o objetivo de nos encontrarmos e nos realizarmos como componentes participantes ativos dela, a fim de aproximarmos cada vez mais de nós mesmos como um eu ecológico e que se relaciona ativamente com o meio ambiente.

Esse movimento é importante também para recuperar os nossos erros e despertar gerações de separação e perda de conexão com a natureza e outras formas de vida além da humana, um caminho de volta à natureza e conexão com a natureza. A partir disso nós podemos tomar atitudes significativas para cada indivíduo ou grupo no processo de luta pela preservação, ecologia e sustentabilidade com interesses verdadeiros e significativos.

Næss (1972) no seu conceito de ecologia profunda desenvolve que devemos reconhecer e lutar contra o sofrimento dos paradoxos que habitam dentro de cada um de nós, a fim de cultivar uma calma ou serenidade dentro de si. Ele acredita que a natureza pode ajudar cada um de nós nesse processo, especialmente nos primeiros anos de vida de uma criança. Ele defende o cuidado da terra como igual ao cuidado humano, autocuidado. A ecologia profunda foi intencionalmente contraposta com tendências do ambientalismo superficial ou “*business-as-usual*”¹⁵.

(...) precisamos mais do que nunca de uma ecologia profunda mas ela deve ser traduzida em termos que sejam relacionáveis para aqueles homens e

¹⁵ Ambientalismo que performa hábitos e ações ecológicas, mas que não enfrentam os reais causadores dos danos dos impactos ambientais.

masculinidades que se encontram dentro do paradigma *malestream*¹⁶ da hegemonização, a fim de serem revividos e atualizados para se tornarem mais efetivos na facilitação das mudanças sociais e ambientais necessárias. Para Næss o pluralismo é essencial para alcançar esse objetivo. (Hultman e M. Pulé, 2023 apud, Næss, 1973)

A ecologia profunda abre um escopo enorme sobre a perspectiva de como conviver com a natureza, porém Næss peca ao não considerar que, nesse processo, o humano precisa quebrar os antigos entraves sociais. No caso de “Masculinidades Ecológicas” e deste TCC miramos mudanças na corrente das masculinidades hegemônicas, as suas dominações, pois sem elas na base, homens irão para esses espaços perpetuar e exercer seu “direito de dominação” tentando conquistar aquilo que pertence à natureza.

Como sociedade nos dirigimos, porém, na direção de um racionalismo que, ao invés de fazer parte da natureza, preferiu subjugar-la, junto de tudo que há de inexplicável, incontrolável e misterioso nela, a fim de prevê-la, alterá-la e controlá-la, com a justificativa do triunfo da humanidade. Avançando um pouco mais e adicionando às camadas do contemporâneo, podemos dizer que a natureza não somente nos serve como sociedade, mas, num contexto hegemônico capitalista, a natureza serve ao capital, como elemento de hiper exploração até o esgotamento, criando uma escassez daquilo que é abundante e condicionando as sociedades a acessarem as commodities ambientais somente através do capital.

O conceito de Masculinidades Ecológicas (Hultman e M. Pulé 2023) é um grande aprofundamento da jornada do homem em meio aos seus danos e suas dores. É um conceito baseado em correntes ecológicas, pró feministas, de luta de classe e raça e que oferece ferramentas para que os homens possam ganhar consciência de seus processos e voltarem a si, ao passo que os traz de volta ao meio ambiente. Isso, propondo que eles reconheçam seus papéis dentro desse universo, bem como suas responsabilidades.

O conceito dialoga com a importância dos homens, no caminho de se encontrarem e curarem, recobrar as responsabilidades das suas ações e, nesse processo, curar também o seu ambiente externo, tanto nos relacionamentos com grupos sociais quanto com o meio ambiente.

¹⁶ Cultura de normas do masculino que operam pela lógica idealizada e viril do homem.

Esse movimento desenvolvido por Hultman e Pulé, dialoga bastante com o conceito de individuação de Jung (1991) que desenvolve o processo de se identificar plenamente, encontrar suas profundidades, propósito, sombras e abraçá-las para, enfim, se desvencilhar dos pesos e cobranças vazias do social. Para que o indivíduo alcance um caminhar em consonância consigo e com o mundo, numa jornada mais coletiva e significativa. O que nos ajuda a identificar que esse é um problema humano, porém, como levantado pelos autores Hultman e M. Pulé (2023), essas dores são muito características e presentes nos homens devido à forma que são socializados para que sejam “analfabetos emocionais”.

O livro Masculinidades ecológicas teoriza que uma das forças motrizes que levam homens a agirem em prol de e sustentarem uma gama de sistemas hegemônicos que são prejudiciais a todos vem de processos da infância. Como levantado também por Bell hooks a maneira como os meninos são socializados na infância reverbera na forma como eles se comportarão. Meninos — num contexto ocidental — são movidos para se tornarem homens que eternamente disputam por poder, e mesmo que não seja o interesse individual de muitos desses jovens, todos são estimulados a se esvaziarem de suas individualidades para se encaixarem nesse processo, sem questionar, sem opções e exemplos positivos com formas alternativas de masculinidade. A narrativa proposta no produto deste trabalho vem de encontro justamente para desenhar os problemas que vivem os homens que sustentam hábitos tóxicos como isolamento, violência, escapismo e negligência e oferece uma alternativa da perspectiva dos sentimentos e da troca para superar tais hábitos e as intempéries da vida.

Essa dinâmica os distancia dos outros grupos sociais, dos seus espaços de importância simbólicas e de pertencimento e, num nível profundo, do seu eu individual. Tudo aquilo que entra em contraste com as normas malestream precisa ser readequado.

É indispensável enfatizar que apesar de serem socializados de tal forma, manter-se nessa posição e ativamente agir de acordo com essa cultura nociva, ou ativamente não lutar contra essas hegemonias, é ainda uma escolha e com ela vêm os frutos e consequências dessas posições. É responsabilidade do homem adulto mudar isso no seu individual e eventualmente no social.

Shelley Taylor argumento que os isolamento dos homens têm de vinculá-los ao dever a honra e a justificativa de sua própria existência para fazer a diferença no mundo a partir de um lugar egocêntrico em vez de um lugar sem ego o que

significa que os homens são amplamente socializados para serem menos relacionais que as mulheres ou seja os homens possuem uma ética de cuidado mas a forma como isso se manifesta definido pela identidade de gênero pelos relacionamentos e pelas experiências vividas pelos indivíduos. O cuidado míope dos homens é produto de uma longa história de condicionamentos. (Masculinidades Ecológicas, Hultman e M. Pulé 2023).

São vários os motivos pelos quais homens adultos que atingiram certo nível de conhecimento acerca das pautas ambientais não engajarem nessa luta. Quando se pensa num masculino ideal, imaginamos um homem forte, intelectual, bem-sucedido e sempre no universo do viril. Esse homem viril varia de acordo com as culturas, mas comumente é o homem autossuficiente, provedor, abastado, grande consumidor, detentor de alguma forma de poder. Trazendo para o ocidente contemporâneo, esse homem poderoso é constantemente conectado às imagens de milionários e bilionários, homens ricos que exploram desenfreadamente recursos naturais para aumentar suas riquezas.

Logo, um dos problemas de desenhar homens ideais e atribuí-los às imagens problemáticas dos bilionários, é gerar na sociedade uma romantização e normalização de processos irreversíveis de danos ao meio ambiente e ecossistemas em curto período.

As masculinidades ecológicas propõem mais uma alternativa para que os homens retornem à natureza e a conexão com a vida. Para isso ele oferece o sistema ADAM-n, um conjunto de práticas para se localizar no mundo e internamente e localizar suas responsabilidades, para, a partir disso, exercer o verdadeiro cuidado masculino — que como elucidado no livro revela grande deturpação pelas normas *malestream*. O modelo é um anagrama para as palavras Atenção, Desconstrução, Ajustes, Modificação e Nutrir novas masculinidades. É um grande sistema que promove etapas para que o indivíduo encontra a sua forma de projetar cuidado, sendo essa a força primordial para a luta contra as forças hegemônicas que perpetuam violências a grupos de minorias, pobreza e situações análogas a escravidão, destruição desenfreada do planeta em prol de aumento exacerbado de riquezas, e tantas guerras pelo mundo.

Então, trazer homens e seus universos para as narrativas da natureza é uma forma de conectá-los diretamente, e, quando apoiado em uma ideologia ecológica, podemos não apenas falar sobre as feridas que doem no homem médio a fim de gerar conexão, mas também apresentar alternativas de outras masculinidades, alternativas de outra sociedade.

Alinhado a tudo isso, o produto vem justamente como uma busca para divagar sobre o processo da construção de uma autoconsciência emocional enquanto demonstra a dor e pesar de estar desvinculado de si. Trazer personagens masculinos vivenciando, aprendendo e crescendo em ambientes naturais é também trazer os homens de volta para o convívio, desenvolvimento e responsabilização para com a natureza (espaço que sempre é coligado ao feminino como, por exemplo, no conceito de “A mãe natureza”), dividindo essa responsabilidade do cuidar também com o homem.

5. Metodologia

Como escritores penso que imbuímos constantemente nossa visão, posição, sentimentos, medos, desejos e muito mais de nós mesmos nos nossos universos. Quando as primeiras ações do Cerrado nasceram e floresceram em minha mente, há anos atrás, me via constantemente escrevendo uma história sobre um desejo a ser vivido em contraste de uma realidade que vivia.

“Na beira de um rio que flui de uma cachoeira, Cerrado deita na sombra falha de uma árvore. Ofegante e risonho ele respira fundo. Na terra ele ouve a pulsação do próprio peito. O som de água fluindo cresce junto ao som dos batimentos cardíacos desacelerando. Ele sorri, um semblante de alívio. As nuvens no céu se movem lentamente e os olhos de Cerrado cerram devagar. (Roteiro Céu e Cerrado a lenda episódio 2)”

A princípio fui muito ousado e propus elaborar várias etapas de pré-produção, como o roteiro, *concept arts*, o plano de arte e o início de um storyboard, tudo sozinho. Porém, com o cronograma apertado, com pouquíssimos recursos e com dificuldades de gestão de tempo, precisei delimitar meu foco e direcionar minha energia buscando mais qualidade do que quantidade. Decidi, então, me concentrar no roteiro e numa pesquisa aprofundada para elaborar personagens com bons motivos. Muita insegurança escondida atrás do meu perfeccionismo, me fez concentrar muita energia em pontos específicos, o que atrapalhou a gestão de tempo. Porém, ao longo desse período pude me familiarizar com os conceitos, e aplicar muitas das transformações aprendidas no meu individual e coletivo. O que me permitiu não somente amadurecer o suficiente para entender por onde acessar a história e em quais partes desse universo me aprofundar, como também me possibilitou efetivar a entrega desse trabalho.

Além de encontrar dificuldades técnicas, encontrei também, através das etapas de pesquisa para a construção desse produto, uma temática central que conectava os personagens, suas dificuldades e dores na origem de problemas reais que merecem atenção. Um senso distorcido de autoimagem e a cobrança opressiva advindas das masculinidades hegemônicas.

Desde o início, um grande objetivo para esse universo centrava-se na construção de personagens tocantes, que movessem pessoas, que representassem dificuldades reais, a fim de gerar conexão entre elas e o bioma que ronda e preenche o Distrito Federal. Para alcançar

isso encontrei em minha intuição e pesquisa a possibilidade de elaborar essa narrativa através da ótica do processo de cura e do desvincular-se das hegemonias.

Com o crescimento dessa história, a exposição dos personagens às dificuldades, vivências pessoais, pesquisa acerca da temática, amadurecimento e o processo terapêutico, minha visão sobre o masculino e as masculinidades foram crescendo, mudando, curando. E, cada vez mais que entendia e lia sobre, mais eu percebia que essas mensagens precisavam ser externalizadas.

5.1 Roteiro

Tentando acalmar a ansiedade a entidade do Cerrado encontra a entidade do Céu atormentada pelas nuvens que o cercam, ele vê no Céu uma pessoa que precisa de ajuda e então parte para ajudá-lo a se conectar consigo novamente. Ao mesmo tempo, humanos invadem uma parte do bioma a fim de construir o que mais tarde se transformaria no Distrito Federal sendo todo o processo altamente destrutivo para o corpo de Cerrado”. *O Céu e o Cerrado, a lenda* é um drama sobre amor LGBTQIA+, valorização e preservação do cerrado e saúde mental. (Sinopse Céu e Cerrado, Episódio 2)

A construção desse universo se originou em uma viagem entre Ceilândia e Águas Lindas de Goiás. Há ali nessa intersecção, um morro, que no dia em que o reparei, estava lindamente iluminado e quase que magicamente enquadrado junto às nuvens, formando uma paisagem incrível. Naquele lugar me imaginei criança, correndo morro abaixo em uma grande jornada da minha imaginação. Adulto que sou, me vi apenas sonhando nas aventuras que esse espaço poderia me proporcionar.

Esse sonho, porém, perdurou e um desejo de vivenciar aquela aventura nasceu, puxando o desejo de criar mais ações, mais imagens e, enfim, criar uma sequência de cenas em minha mente. Coloquei brevemente os desejos, os esboços e essas sensações no papel e me permiti viajar na imaginação. Após esse desejo ser parcialmente sanado, a narrativa ficou ao fundo dentre as prioridades da vida, adormecendo por alguns anos. O universo só veio a se manifestar novamente quando precisei decidir o meu TCC.

Nesse momento não havia dúvidas que queria trabalhar com animação, pois este é, e sempre foi o meu maior interesse dentro do universo do Audiovisual — embora fosse pouco nutrido, por inseguranças e limitações. Graças a minha conexão com a oficina de animação ofertada pelo professor Ítalo Cajueiro, eu pude acessar esse universo dentro das limitações e

condições da minha realidade. Essa experiência me trouxe a empolgação que precisava para decidir engatar com a ideia, e com a necessidade do tema do Trabalho de Conclusão, ousei expor para o mundo o desejo de construir o universo de Céu e Cerrado. Para isso eu precisava partir do roteiro.

Numa matéria de sala de roteiro ofertada pelo professor Pablo Gonçalo surgiu a necessidade externa de construir um roteiro e não fazia o menor sentido falar e escrever qualquer outro universo senão o de “Céu e Cerrado”. Agora com mais energias, maturidade e motivos, me vi mais uma vez desafiado a colocar este mundo para fora, e dessa vez eu enfrentei essa luta.

Antes de ser um romance dramático, a narrativa era primordialmente uma aventura de uma criança que, em determinado momento, perguntou à sua tia “por que o céu daqui é tão bonito?”. Ela revela a lenda de Céu e Cerrado, uma história de amor que foi rompida prematuramente devido à construção de Brasília, e que a beleza do céu se dava porque a entidade Céu mandava esses horizontes como cartas para o amor perdido. A criança, então, decide auxiliar as entidades do Céu e do Cerrado a se reencontrarem e ela o faria através do processo de reflorestamento, que serviria de metáfora na qual esse cuidado com o bioma seria um processo de cura interna e autodescoberta da criança e da Cerrado, que devolveria a energia da Cerrado para que ela conseguisse manifestar-se em uma forma física novamente e, assim, pudesse se reencontrar com seu parceiro romântico.

Em mente, é uma história incrível, instigante e cheia de potencial, mas quando me propus a fazer essa escrita, encontrei muitos engargalos, dificuldades e o vazio de um ponto de vista. Intuitivamente, eu estava incomodado com o modo como os retratos iam se construindo dentro da narrativa. Criticamente falando, as personagens tinham desejos claros, porém seus porquês eram todos muito superficiais, refletindo em ações generalizadas e sem verdade.

Até que esse universo viesse para a realidade pela escrita, passou-se considerável tempo, pois parte do meu processo de amadurecimento exigia de mim enfrentar a insatisfação da distância entre como eu imaginava as cenas e como eu as descrevia. O perfeccionismo que por muito tempo me impediu de fluir estava tomando o controle e o que sobrava disso tudo eram imagens latentes que pulsavam nos meus sonhos ansiando para sair e uma culpa por não conseguir alcançá-las.

Foi então que precisei parar para refletir e buscar o que me incomodava. Aqui me aprofundei em perguntas como “por que estou falando sobre esse bioma?” “Por que o Céu

viveria tanto tempo no aguardo de Cerrado?” “Como a entidade do Cerrado, um ser tão forte sucumbiu na construção de Brasília?” “É interessante retratar Cerrado, uma figura que precisa de resgate, através do gênero feminino?” “Não seria melhor sacrificar a generalização que o relacionamento heteronormativo traz e escrever sobre um amor LGBTQIA+?” “Por que outras pessoas sentiriam que precisam proteger e ajudar o Cerrado?” dentre várias outras que me guiavam para conectar-me com esses personagens e esse mundo.

Neste processo constatei que precisava que essa aventura conversasse mais intimamente com os meus processos pessoais, pois através disso eu conseguiria colocar verdade nas personagens. Também constatei que eu não gostaria que as personagens fossem mal representadas em suas características e, por isso, eu basearia elas em pessoas e universos que conhecia profundamente. Por fim, percebi que precisava escrever uma história que me empolgasse, que eu desejasse elaborar e foi neste momento que o ponto de foco da narrativa mudou da aventura da criança para como Céu e Cerrado se separaram. Pois neste momento eu sentia que precisava expressar uma gama de dores, amores, desejos e identificações que estava vivendo naquele momento, — assim como quando inicialmente imaginei aquela narrativa e que precisava externalizar outros sentimentos —.

Agora inspirado pela visão do meu amadurecimento pessoal e de processos terapêuticos, decidi direcionar a energia que estava me prendendo ao meu favor. Outras decisões foram tomadas neste momento, mas a decisão que mudou muito o universo foi quando decidi mudar o gênero da Cerrado para não cair no estereótipo da mulher que precisa ser resgatada e colocar um homem — que normalmente são as figuras que tentam desnecessariamente fazer tudo sozinhos — neste local de impotência acerca das forças externas. Local que narrativamente é sempre imposto à mulher (Mulvey, 1989) e também para converter a narrativa em um amor LGBTQIA+, detalhe que mudaria muitas motivações e comportamentos de todos os personagens na narrativa.

Após esse processo, eu sentia que ainda precisava me conectar mais densamente com a história para me inspirar e escrever com mais propriedade sobre a experiência vivida pelos personagens. E também buscar dentro do bioma respostas do porquê protegê-lo, para além do conhecimento comum que fala “precisamos salvar a natureza para não sofrermos escassez ou danos colaterais.

Sentia que era necessário motivos que se comunicassem não apenas nesse campo comum de urgência social, mas também para o íntimo e individual, “por que o Carlos

protegeria o cerrado do DF?”. A partir dessa e outras questões, organizei e decidi vivenciar essas cenas no ambiente onde esta história nasceu. Foi então que fui visitar o morro que me inspirou.



(Figura 01: Morro que inspirou a história - fonte: acervo pessoal)

O ambiente, a luz e o espaço estavam bem menos dramáticos se comparados ao dia da minha memória, mas apesar de nem o morro e eu sermos os mesmos desde que nos encontramos, ainda assim sentia um chamado para algo a ser vivido e experienciado naquele espaço.

Enquanto subia o morro, me encontrava fazendo um esforço físico significativo que ressoava com o meu esforço mental, pois estava focado pensando em aspectos técnicos de como e o que absorver dessa experiência, como converter tudo isso em texto, como melhor aproveitar tudo isso ou para onde olhar. Esse processo levou poucos minutos e ao chegar ao ponto mais alto eu já estava sensorialmente afetado pelo espaço. Estava ofegante, vendo uma vista linda, com um forte e constante vento refrescando o corpo, ao passo que desenhava seu caminho na grama e emitia um som constante. Ao respirar esse vento, junto vinha a sensação de alívio.

“Batimentos acelerados, sons de casca de árvore lentamente se rompem. A distância uma cacofonia de sons de construção. CERRADO uma figura humana com cabelos cacheados, ofegante e com semblante triste chega no alto de um morro. Ele para e olha para o horizonte. Ele fecha os olhos e respira profundamente. Distante se ouve uma cachoeira que flui constantemente, mais próximo se ouve BEM-TE-VIS cantando e árvores farfalhando ao vento, vento esse que balança seus cachos...” (Roteiro Céu e Cerrado a lenda episódio 2)”



(Figura 02: Vista do ponto alto do morro - fonte: acervo pessoal)

A experiência vivida na carne foi muito mais exigente do que eu imaginava. Poucos passos naquele declive, no sol da tarde, eram bem cansativos. A dinâmica que imaginei, onde o personagem corria morro abaixo, se revelou, por conta da gravidade, mais como saltos que traziam uma sensação de medo e instabilidade, mas que pareciam desafios agradáveis de se enfrentar. Isso permaneceu até que atingi um ponto menos inclinado que me proporcionou leveza junto de uma segurança maior. Cresceu então a vontade de ir mais e mais distante, de realmente viver uma aventura. Pelo menos até onde meu fôlego me permitisse.



(Figura 03: Corrida para descer o morro - fonte: acervo pessoal)



(Figura 04: Corrida para descer o morro - fonte: acervo pessoal)

(...)Ele respira fundo, dá um sorriso desafiador e dispara a descer o morro correndo.

Um tecido que envolve sua cintura flutua no vento. Uma rocha laranja alta e pontiaguda que recorta o céu ao fundo é pulada. Um roedor tenta sair de sua toca que está coberta de pedras, Cerrado desvia de outras rochas e empurra um rochedo grande que esbarra e libera o caminho. O roedor sai saltitando. Ele segue sem perder o embalo, deslizando pelo caminho. Um declínio maior no morro exige cautela, em seguida movimentos livres e criativos semelhantes ao parkour. Ele salta alto e no ar UDUS-DE-COROA e MARITACAS formam um semicírculo com Cerrado centralizado, ele joga frutas para as aves que cantam antes de comer, ele aterrissa em uma parte mais retilínea no terreno e as aves se dispersam em meio às árvores. (Céu e Cerrado, a Lenda Episódio 2)

Os detalhes do ambiente me trouxeram várias inspirações para a narrativa, havia naquele espaço milhares de histórias acontecendo ao mesmo tempo: no reino das plantas, dos insetos, dos animais, do céu e em cada pequena casinha no horizonte. Havia também rastros de histórias que há muito terminaram, ratificando, para quem experienciasse a cena, como a vida se conecta em seus ciclos.

Não levou muito tempo para que outras densas reflexões, para além do roteiro, viessem e me fizessem pensar sobre o presente, passado e futuro. Desliguei então minha mente analítica que buscava palavras para descrever e registrar e me concentrei em vivenciar o momento, utilizando minhas outras habilidades de registro a fim de estar o mais presente possível.

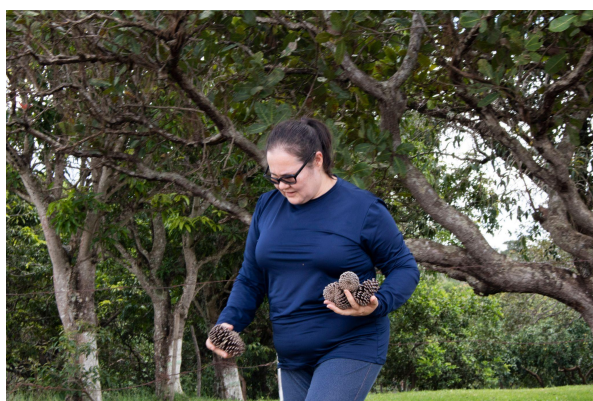


(Figura 05: Nuvens daquela tarde - fonte: acervo pessoal)



(Figura 06: Crânio encontrado no cerrado - fonte: acervo pessoal)

Já infectado pela aventura, eu pude não somente aproveitar profundamente os acontecimentos, do espaço e dos registros, mas também me conectar com a minha família que decidiu me acompanhar nesse processo. Ao vê-los explorando de maneiras diferentes aquele ambiente pude perceber como o cerrado estava nos proporcionando uma vivência que nunca tínhamos compartilhado, um momento único. Naquele momento, registrar isso foi inspirador, afetivo e precioso.



(Figura 07: Minha mãe colhendo pinhas - fonte: acervo pessoal)



(Figura 08: Meu irmão na reserva da nossa infância - fonte: acervo pessoal)



(Figura 09: Minha família - fonte: acervo pessoal)

Toda essa experiência me devolveu para memórias do que eu havia vivido na minha infância. Eram memórias da experiência em uma reserva/clube próximo à barragem, a CAESO. Acessei internamente a saudades de como aquele espaço me fazia bem. Era um ambiente estimulante e relaxante, local de muitas conversas, conexões, contato com a natureza, desafios e risadas.

Essa saudade me fez propor para minha família que passássemos por lá e no caminho descobrimos que o clube estava aberto e por acaso visitamos. Revisitar esse local foi o ponto alto, uma grande experiência de nostalgia. Ali eu estava, adulto, vendo a minha criança correndo por entre as árvores, deitando na rede e vendo a luz do sol atravessar as folhas das árvores, fechando os olhos e ouvindo o ambiente sonoro de constante fluxo de água.

Foi tudo muito importante para me reconectar com o bioma. Me ajudou a perceber que essa conexão não é recente e precedia o meu nascimento, por ser um espaço que meu pai visitava com o pai dele antes, e então foi compartilhado comigo na minha infância e agora me acompanha nesse momento da minha vida adulta.



Figura 10: Beirada do primeiro rio. Revisitando memórias de infância - fonte: acervo pessoal)



(Figura 11: Explorando o espaço de memórias de infância - fonte: acervo pessoal)

Ao fim do dia, estava significativamente mais leve. Cansado, porém energizado como quem de fato tivesse vivido aventuras. O dia como um todo aliviou muitos dos meus estresses, me proporcionou estar mais conectado com a minha família, mais conectado comigo, mais presente e aliviado mentalmente. Ao chegar no portão de casa consegui minha resposta: quero proteger o cerrado porque ele representa um espaço de retorno à leveza e alívio, de movimento e de vivência, de reconexão comigo e com as pessoas importantes da minha vida.

Com essa jornada internalizada parti para a escrita e me dediquei em transcrever minha experiência vivida, descrever densamente os ambientes através do sensorial e emular o máximo possível da conexão trocada tanto com o bioma quanto com meus familiares.

E foi assim que a primeira versão do roteiro nasceu, um documento enorme e muito detalhado. Ele era cheio de descrições densas de imagens complexas, um processo lento, gradual e extenso da construção do relacionamento do Céu e do Cerrado, com uma ascendência e cura do Céu nos seus processos, ao passo que Cerrado se exauria e se isolava.

Ao apresentar o roteiro na matéria entre os colegas e o professor, recebi diversos feedbacks dos participantes, dentre eles de que o roteiro tinha muito potencial, pois o universo e as propostas eram muito boas, as imagens construídas eram muito bonitas e os detalhes dos personagens eram muito cativantes. Em contraponto, recebi também o toque de que os personagens eram muito semelhantes entre si, os diálogos eram quase desnecessários e, para alguns, até mesmo atrapalhavam a imersão na narrativa.

Surgiu, dentre os retornos, a sugestão de que eles não se comunicassem através da fala, mas emitissem sons, o que traria um ar diferente. Ao refletir sobre, cultivei a sugestão e para onde essa decisão poderia me levar, pois esse contraste me remeteu ao que Doc Comparato (1984) levantava em sua obra quando falava do modo como os personagens constroem suas presenças. Ele expõe o argumento que Pensar = Falar, enquanto Sentir = Atuar, denotando como é o processo dentro da linguagem audiovisual. Porém, a fim de subverter esse sistema, experimentar novos caminhos expressivos e dar mais ênfase e peso para as falas, as entidades só exprimem seus sentimentos verbalmente uma única vez em todo o roteiro.

Essa decisão foi tomada também levando em consideração o fato de Céu e Cerrado serem entidades que extrapolam o senso de humano, mesmo que possuam formas humanoides. Quis, através das ações, exprimir o que elas sentem e pensam, já que o corpo

comunica muitas verdades que por vezes as falas conseguem maquiar ou mentir. Isso trouxe um senso de inocência para o universo e as personagens, que quase que permanentemente estão expostas e transparentes para o espectador, algo que ressoa muito com o meu senso estético.

Uma crítica levantada pelo professor foi que o roteiro era muito extenso, havia muitas cenas com muitas ações em blocos de parágrafos e o que era para ser um curta poderia alcançar um média-metragem, faltando pouco para o tamanho de um longa a depender de quanto tempo passássemos nas ações. Com os novos direcionamentos, escrevi a versão sem falas e com menos ações. Tentei ser mais simbólico, utilizar metáforas para comunicar os processos dos personagens e sintetizar esse crescimento. Porém, com o retorno do orientador Prof. Dr. Mauricio Fonteles, eu tive o desafio de reduzir ainda mais as cenas para chegar no formato de curta.

Nessa fase do projeto as novas ações, cenas e imagens estavam externalizadas, mas ao apresentar a história para amigos e familiares surgiram perguntas como “por que ele fez isso?” “Por que ele não aceita ajuda?”. Comicamente, eu não sabia como responder com palavras explícitas o porquê desses personagens agirem como agiam, apenas intuía e entendia os seus caminhos.

Refletindo sobre essa confusão, percebi que eu havia espelhado demais o meu processo de amadurecimento nos meus personagens. Eu acabei criando um grande campo intuitivo em que as escolhas e ações eram justificadas, mas percebi que não conseguia formular respostas racionais dos porquês. Esse espelhamento atingiu um ponto em que, para que as personagens crescessem, eu precisava me aprofundar e expandir meu repertório acerca dos meus problemas. Então, na necessidade de olhar para mim, a minha pesquisa (que antes se focava em aspectos técnicos de construção de roteiro, como em Doc Comparato e Story), se expandiram para dentro do campo da psicologia, a fim de entender e identificar os padrões.

Após algum tempo, com apoio de amigos e da terapia, pude identificar minhas dores num lugar da tentativa de me encaixar em padrões que me foram impostos. Essas incompatibilidades me causavam desconforto, me prendiam em hábitos de isolamento e tendência a enfrentar meus desafios sozinho. Todos padrões fortemente presentes na cultura do *malestream* e nas masculinidades hegemônicas.

A princípio, esse universo — das masculinidades — era um espaço que eu tinha muito receio de investigar, por medo que muitos dos comportamentos nocivos desse grupo

fossem justificados através de malabarismos teóricos. Porém, percebi como estava errado. Devido ao meu raso repertório sobre como os homens são vistos dentro da sociologia e psicologia, me ative exclusivamente à imagem generalizada do homem no contemporâneo, mas nas primeiras leituras encontrei um grande debate sobre essas masculinidades dentro de um viés pró feminista e ecológico. Percebi que eu fazia parte desse universo, mesmo sem pertencer às normas do “homem convencional”. Com essas novas informações, decidi fazer minha voz ser ouvida e encontrar o “meu homem” nesse universo.

Foram nessas camadas da minha personalidade que eu me vi enfim lendo sobre as masculinidades, gênero e performance e encontrei o livro “Masculinidades Ecológicas” (Hultman e M. Pulé, 2023) que me ofereceu um panorama amplo sobre não apenas alguns tipos de masculinidades do contemporâneo, mas também sobre como cada um desses grupos interagem e afetam diretamente todas as esferas do nosso mundo, indo de campos sociais até a natureza.

O livro me revelou o quão deturpado está o relacionamento do homem com a natureza, a colocando numa função exclusivamente capital, de objeto a ser explorado e exaurido, esvaziando todo o complexo de narrativas e vida daquele espaço e também distanciando os humanos do seu papel dentro desse ecossistema.

A partir daí, pude identificar estes tipos de homens e, ao identificar-me nesse universo, consegui encaixar os sofrimentos destes personagens em processos semelhantes e conceitos que me permeiam através dessas vivências, como um arquétipo. Aqui, fez todo sentido fazer cerrado como masculino, pois suas ações revelavam que ele nitidamente precisa de ajuda e cuidado, tanto de si quanto do externo.

Este processo me ajudou a aprofundar os personagens e oferecer ferramentas para suas dificuldades, muito semelhante aos processos da vida real. Nessa nova fase, as entidades floresceram em maior profundidade, suas ações ganharam justificativas e então o processo como um todo ganhou novos sentidos, se tornou um retrato para aqueles homens com aquelas dificuldades.

Entre a escuridão Céu vê uma mão brilhar. Contra o ar ele caminha em direção à luz. Estática. O som da cachoeira fluindo sobrepõe os outros sons. Silêncio. Luzes azul e laranja brilham e dissipam a escuridão. Céu e Cerrado estão de testas coladas. Céu beija Cerrado. A corrente do pescoço cai e seu corpo se eletrifica. (Céu e Cerrado a Lenda, Episódio 1).

Além disso, a consciência sobre o passado das tentativas de uma convivência do homem com a natureza me permitiu afastar a narrativa de lugares de reproduções de hegemonias, onde a natureza teria um papel de ferramenta ou um algo a ser usado e dominado. A ideia se tornou desenhar um universo-resposta argumentando contra a nossa realidade de homens distantes que fogem da responsabilidade do seu papel nessa luta, para sugerir como eles/nós podem direcionar cuidados significativos, legítimos e com uma troca mútua com a natureza. Assim, poderíamos enxergar o papel masculino nesse espaço como parte positiva do ecossistema.

Com esse novo repertório, o universo havia se expandido e ganhado amparo, mas para ser uma animação exequível, a narrativa ainda precisava ser enxugada, lapidada e reordenada. A partir dessa necessidade, me foi orientado separar esse universo em pequenos episódios no formato de série, e foi aqui que o roteiro se dividiu na visão do Céu, a visão do Cerrado e a visão da criança.

Para fins de exequibilidade me concentrei em escrever a perspectiva do Céu para a entrega deste produto, pois a partir do enfoque nesse olhar poderia desenvolver esse personagem que até então estava alheio.

5.1.1 Personagens

Para doutrinar os meninos nas regras do patriarcado, nós os forçamos a sentirem dor e a negarem seus sentimentos.

(hooks 2004:22)

Com o objetivo de gerar conexões impactantes entre o espectador e a obra — a fim de produzir algum nível de mobilização — me indaguei muito sobre como o fazer, e em minha pesquisa, encontrei no clássico *Story*, de Robert McKee (1997) uma alternativa que nos conecta: as personagens.

(...) e apesar das óbvias distinções de idade, sexo, passado e cultura, apesar de todas as diferenças claras entre as pessoas, a verdade é que todos nós somos muito mais parecidos do que somos diferentes. Somos todos humanos.

Todos dividimos as mesmas experiências humanas cruciais. Todos sofremos, nos divertimos, sonhamos e esperamos conseguir tirar de nossos dias algo de valor.

Como um escritor, pode estar certo de que todas aquelas pessoas por quem passa pela rua têm os mesmos pensamentos e sentimentos fundamentais humanos que você.(...) Portanto, quanto mais penetrar nos mistérios de sua própria humanidade, quanto mais entender de si mesmo, mais hábil será para compreender os outros. (McKee, 1999, p. 361).

Apesar de serem entidades, eu precisava atribuir elementos de humanidade para gerar conexão, simpatia e identificação. Ambos os personagens sofrem com a pressão da cultura do *malestream*, seja com a necessidade de se encaixarem nas expectativas das masculinidades hegemônicas ou por já as terem internalizado e sofrerem os danos da discrepância que se tem do papel do que é ser homem e do homem que se é.

Além dos personagens se assemelharem nesse espaço do problema comum, ambos estão numa mesma jornada, porém em momentos diferentes. Enquanto Céu está vindo de uma baixa, de um sofrer e superar seus demônios para uma melhora, Cerrado vem de uma alta, como alguém com controle e força no seu espaço, preparado para uma queda.

Esse processo pode ser melhor visualizado quando aplicamos esses personagens na estrutura da Jornada do Herói (Campbell 1990). Céu começa na etapa 3 (recusa do chamado) e vai em direção à etapa 12 (regresso com elixir), mas acaba ficando preso na etapa 10 (caminho de volta) pelo corte abrupto que teve com seu parceiro. Cerrado, por sua vez, vem da etapa 12 (regresso com elixir) e fica preso na etapa 3 (recusa do chamado) ao não aceitar ajuda, ao negligenciar suas necessidades, suas prioridades, sua saúde e o seu cuidado.



(Figura 12: A jornada do herói. Créditos: Blog “Terapia de Bolso”)

Com tantas semelhanças nos seus arcos, mantive em mente o retorno do professor Pablo que me alertou para a importância de diferenciar mais os personagens. Para me auxiliar nisso, me apoiei nas estereotipações dos arquétipos de Jung a fim de aumentar a dinâmica, tornar os personagens mais cativantes e tentar brincar com essas personalidades, exagerando ou dobrando elas.

5.1.1.1 Céu

Céu é um homem dramático, profundo, introspectivo, introvertido, inseguro com os outros, mas seguro de si, é o tipo de pessoa que te ajuda a ver coisas de uma perspectiva mais densa, sombria, com camadas. Ele é pouco expressivo e reprime muito os seus sentimentos, embora seu desejo seja expressar mais e ser visto.

Céu carrega sobre si a figura do homem que internalizou uma autoviolência por não se encaixar no ideal de homem, no padrão masculino de ser, e no caso específico de Céu, é a história de um homossexual que internalizou a homofobia sem perceber ao crescer num ambiente em que homossexuais são odiados. Por ter sido educado num ambiente

estritamente heteronormativo, ele internalizou valores do que ele deveria ser antes mesmo de ter entendido quem era, o que gera um conflito interno enorme sobre o que ele entende de si. Assim, há forte dissonância entre quem é e o que sente e aquilo que deveria fazer. Por isso, no fundo, ele nutre uma raiva de si sem perceber.

Numa jornada interna, Céu está constantemente em conflito com a sua natureza, seus desejos e seus sentimentos. Repetidamente, o elemento que faz parte dele reage de forma violenta contra o próprio corpo, como se fosse uma entidade à parte, representando seu inconsciente gritando por ajuda. Sua parte “consciente”, por sua vez, quer controlar esse elemento e esses sentimentos a fim de encaixá-los num formato socialmente aceitável, idealizado, correto e polido — nuvens ideais, lindas, belas, distantes e nada assustadoras —.

Seus poderes fora de controle, seus sentimentos e sua mente estarem contra os desejos dele desenham a metáfora de sua dissidência interna em relação à expectativa social/externa/cultural/hegemônica. Ele internalizou de forma tão intensa os valores da heteronormatividade que passou a reproduzir a violência que sofreu do externo contra si mesmo, para que ele possa fazer parte desse lugar normativo, pertencer sem ser julgado ou sofrer violência, causando um grande caos em sua cabeça.

Por não conseguir lidar com a visceralidade dos sentimentos, o personagem foge deles, seja lutando contra o próprio elemento como uma metáfora ao brigar consigo ao invés de se ouvir, seja fisicamente fugindo do contato com o céu. Ou seja, ele acaba cortando seus sentimentos mais puros de conexão e paixão que se mostram através da estática em seu corpo para voltar ao controle de seus sentimentos.

Essa dinâmica, porém, não acontece apenas na sua cabeça. Constantemente ele é perseguido por Olhos Malignos (uma entidade que ilustra pressões hegemônicas) que o provocam, julgam, cutucam suas feridas todo momento que ele dá passos para fora da norma. Isso em uma metáfora de que mesmo não praticado diretamente ou por pessoas físicas, a marca dessa cobrança, do processo de se encaixar nas regras das masculinidades hegemônicas, persegue os indivíduos em todo lugar.

Na sua jornada, ele encontra Cerrado, um ser invasivo, teimoso e inconveniente, mas que também aparentemente é espontâneo, cativante e expressa bastante seus sentimentos positivos. Elementos estes que Céu desejava alcançar para si. Sua dinâmica passa de hostilidade e inveja para admiração e paixão.

Nesse processo, observando a outra entidade, eventualmente Céu encontra no modo como Cerrado interage com seu elemento uma forma diferente de processar, lidar e expressar os próprios sentimentos. Esse movimento lhe permite entrar em contato consigo e aprender a amar e aceitar sua individualidade. Porém, quando enfim Céu toma firmeza nesse novo universo, o homem pelo qual se apaixonou revela estar definhando de fraqueza.

5.1.1.2 Cerrado

O Cerrado é um personagem sensível, espontâneo e expressivo. É o tipo de pessoa que inspira os outros a alcançarem coisas grandes. Coisas difíceis aos olhos de uns, para os dele parecem simples. Ele também é muito obstinado, presunçoso, ansioso e internamente inseguro. Com energias muito extrovertidas ele remete muito ao signo de leão. Cerrado carrega consigo a necessidade de ser a promessa ideal. Um homem que deve conseguir suprir, apoiar, proteger, satisfazer e atender a todas as outras demandas que se esperam de um homem.

Essas demandas são ilustradas na narrativa através das várias responsabilidades que o Cerrado tem, seja cuidando do seu espaço e da natureza com extrema dedicação, protegendo a mata de invasores que a destroem, cuidando dessa nova entidade que apareceu no ambiente, dedicando muita atenção e energia a ela, cultivando e protegendo obsessivamente uma planta que tem enorme potencial para salvar vidas, dentre várias outras demandas que exaurem ele.

Talvez a grande pergunta que fique ao ar em relação ao comportamento do Cerrado é porque ele se recusa a aceitar ou pedir ajuda. Através do aprofundamento para tentar entender esse comportamento nos homens que me rondam e através da leitura do livro *Masculinidades Ecológicas* encontrei padrões que se repetem.

Normalmente, a figura masculina é cobrada socialmente com uma responsabilidade que não se pode fugir, a fatídica prisão de ter que ser, e de acordo com essas normas o homem precisa ser: física e emocionalmente forte, estável, rocha para as pessoas do seu convívio, bem sucedido, jovem e saudável, intelectual e com formação, precisa ter elementos que proporcionem *status*. Basicamente, precisa ser perfeito.

Tal pensamento não abre espaço para o homem real, o homem frágil, falho, para o homem que não consegue. Resta então uma culpa no centro do entendimento de si desse indivíduo, esse “eu” se torna um problema a ser resolvido, uma personalidade que precisa ser

adequada, um comportamento que precisa mudar, alterar-se para ser encaixar-se nas regras do que é o bom homem. Somente aí ele merecerá o resultado da sua promessa social: aceitação, amor, entendimento, pertencimento, plenitude.

Tudo isso também retorna ao indivíduo a responsabilidade pelo próprio sucesso, de conseguir mudar a própria realidade e a de sua família, desconsiderando todas as suas vulnerabilidades e seus específicos contextos sociais, raciais, econômicos, identitários, etc.

Dentro dessa dinâmica das masculinidades hegemônicas, quando o homem não é capaz de atender essas demandas, considera-se que ele falha enquanto homem e o seu valor como pessoa é diminuído. Cerrado, por sua vez, quando sente não ser suficiente através de suas ações, responde com um mecanismo de compensações. Ele força os seus limites, sacrificando-se através de esforços físicos, perpassando a fronteira de sua saúde e abrindo mão das suas prioridades. Quando nem assim ele consegue alcançar a “suficiência” ele entra em processo de negação e faz de tudo para sair dessa posição “falha”, mesmo que a falha seja normal a todos.

De joelhos Cerrado abre espaço na terra, coloca uma semente e conjura uma Jequitibá que brota lentamente, seu corpo treme. Céu em queda livre. Cerrado geme. VINHAS FLORIDAS brotam no chão mas rapidamente Cerrado as corta com os pés. A árvore ainda pequena. Cerrado goteja suor, algo se rachando soa. RAÍZES GROSSAS com flores se prendem no tronco de Cerrado e o puxam para longe da árvore.

Gotas voam dos olhos de Céu. Cerrado arregala os olhos, olha para as raízes, volta o olhar para a árvore, fecha os olhos, respira fundo e chora. Algo se rompe.

Como se puxasse do chão, ele ergue a árvore que floresce grandiosa com vários ramos de flores e folhas. Nas costas, entre tecidos, uma rachadura brilha. (Céu e Cerrado a Lenda, Episódio 2).

Em paralelo quando adicionarmos recortes — de classe, sexualidade, raça... — maior é a cobrança para que esse “homem incompleto” atinja uma plenitude ou satisfação consigo. Pois, caso ele não possa atingir esse espaço ideal, ele precisa ser excelente em outros campos de sua vida para que sua falha possa ser justificada e ele possa ser bem-vindo nas demais esferas sociais. Este é um sistema de compensação exacerbada.

Em outras palavras, ao ser enquadrado como uma “falha como homem” por esse sistema, ele precisa ser incrível em alguma outra área para ser aceito e tolerado. Precisa ser financeiramente bem-sucedido, super sensível e emocionalmente maduro, precisa ser autossuficiente e independente, precisa ser intelectual... Você precisa ser mais do que você já é. Desviando todo esse peso e pressão do meio e do social e empurrando essas cobranças para o íntimo, como responsabilidades exclusivamente individuais.

A princípio, essa figura do masculino surgiu para o Cerrado intuitivamente, mas após o aprofundamento na pesquisa, este padrão também conecta a projeção do homem que nunca pede ajuda, mesmo quando precisa, com o bioma que claramente precisa de ajuda, mas não é visto ou ouvido. Vemos os sinais do sofrimento de ambos, mas somente ao olharmos de perto e com atenção é que conseguimos entender os danos que sofrem em silêncio.

O paralelo montado é que tanto homens quanto o bioma cerrado sofrem da negligência. Homens sofrem e aprenderam a internalizar a negligência, especialmente a emocional. Já que, insatisfeitos com sua realidade, eles se tornam perpétuos seres produtivistas, ansiosos pela concretização da promessa de serem completos, bons. Para esse sistema, é ideal que os homens sejam infelizes, pois por consequência estarão fragilizados e mais suscetíveis à exploração, tal qual o bioma.

A história do Cerrado é o retrato de como ele se negligencia ao priorizar qualquer outra pessoa ou coisa antes de seu autocuidado, retrato muito comum, estimulado e valorizado na nossa sociedade.

5.1.1.3 Olhos Malignos

Os Olhos Malignos são os antagonistas do Céu. É uma entidade que dá forma aos olhos sociais que cobram de nós a performance adequada. Esses olhos podem se manifestar em vários lugares, pessoas e por vezes até em nós mesmos.

É a representação de todos aqueles que de alguma forma sacrificaram uma parte de si para caberem nesses espaços de aceitação do senso comum. Esses olhos nesse universo estão infectados pela cultura das masculinidades hegemônicas e contra o Céu eles exercem opressão constante, seja por seu comportamento ou mesmo sua forma de amar. Através de cobranças implícitas, eles impedem que Céu seja diferente.

Para Céu, é a entidade que o persegue e que está dentro dele, constantemente colocando novas camadas de pressão, cobrança, exigências, além de ser responsável por prendê-lo pelo pescoço quando mostrou sua forma diferente de amar.

5.1.1.4 Homem de botas brilhantes

É o estereótipo de um homem que acredita que tudo e todos devem se dobrar perante seu poder. Por vir de uma família rica, ele exerce sua influência sobre todos, mas ao encontrar no Cerrado um limite, ele se torna o seu antagonista. Obstinado a conquistá-lo a qualquer custo. Ele é um dos desbravadores que primeiro vieram a Brasília e destruíram o cerrado.

5.1.1.5 A Criança

Em um dia escalando o morro (aquele mesmo do qual falei anteriormente, que inspirou a narrativa), Dália se via fugindo dos fantasmas de sua ansiedade, fugindo das demandas da sociedade. Mas ao entrar em contato com o espírito do Cerrado ela conseguia acessar a sua luz, voltar a si, se enxergar e parar de operar através do seu mecanismo de enfrentamento padrão, a fuga.

Dália é uma criança muito prática e determinada a resolver problemas, ela é muito sensível e possui inatamente a habilidade de enxergar detalhes que passam despercebidos pelos outros. Essa sua habilidade permitiu que ela encontrasse a entidade Cerrado em meio a mata, e fez com que enxergasse também todo desgaste e dor no corpo dessa entidade, detalhe não identificado por mais ninguém.

Dentro da narrativa, Dália representa a solução, um caminho com dificuldades, mas que não se prendeu ainda por barreiras externas e sociais. Ela também tem dificuldade de aceitar ajuda, mas não é preciso muito para que perceba como juntos os seres vivos vão mais longe. Juntos eles podem compartilhar suas habilidades, se apoiarem e receberem ajuda em áreas nas quais não são tão habilidosos.

5.2 Proposta de direção

A proposta de direção chegou como uma oportunidade de decidir pontos estéticos e visuais da narrativa acerca das várias etapas de pré-produção, produção e pós-produção. Neste documento foi possível elaborar o conceito a premissa do universo que agora no campo gráfico ganha vida.

A estética inspiradora mais pertinente são as animações japonesas, em especial os filmes do Stúdios Ghibli e para trazer identidade, brasilidade o produto se situará no Cerrado e utilizará de texturas formas cores animais comidas vegetação todo esse universo tátil para localizar a narrativa no Brasil.

O estilo do traço da ilustração dos personagens será um meio termo entre Cartoon e anime. O Cartoon vem com a proposta de trazer formas dinâmicas e não convencionais, provocando visualmente e trazendo identidade para os personagens, nos permitindo manifestar o seu temperamento e personalidade também nas formas que compõem o corpo.

A animação estilo anime vem com a proposta de ser o mais expressiva possível, caracterizada por ter pouca movimentação, as animações japonesas tendem a utilizar muito das expressões faciais e dos elementos expressivos como os olhos e bocas para compensar.

O estilo da ilustração tenta alcançar uma espécie de liquidez, etéreo, fluido e para isso ele abre abdicará das linhas que delimitam os limites dos personagens, com essa estética também é possível brincar com os exagero das proporções. Esse estilo de ilustração também permite atingir um aspecto surrealista.

Um aspecto muito importante da decisão estética, é a dicotomia entre o fantástico e o sombrio. Os cenários em sua maioria estão situados na natureza quando estamos com planos abertos vemos uma paisagem épica que chama a aventura, porém nessa beleza inocente sempre haverá alguma forma de sombra ou de sombrio, seja através de elementos mórbidos, ou através de sombras “sujas”. Em todos os cenários algum elemento sombrio estará presente.

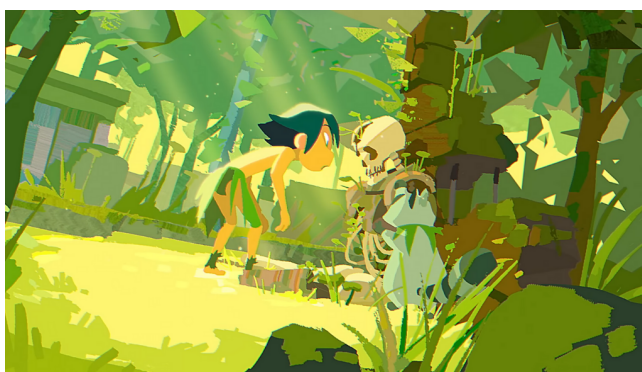


Figura 13: Resilience - Yunie Choi (2024)

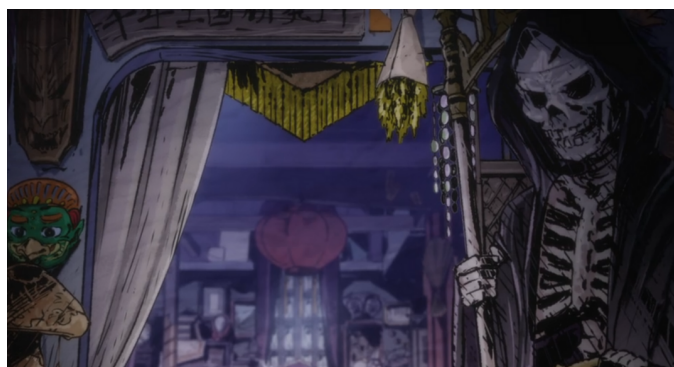


Figura 14: Akuma-kun - Junichi Sato (2023)

Outro aspecto muito importante acerca da narrativa é seu fator contemplativo, por acontecer completamente em externas, a narrativa nos expõe constantemente às belezas da natureza principalmente em momentos introspectivos e de ritmos mais calmos.



Figura 15: Songbird, Prinsciia, 2024



Figura 16: Songbird Prinsciia, 2024

O caminho percorrido para definição dessas etapas foram muito valiosas para encontrar caminhos semelhantes, casos de sucesso, e inspirações. Através desse processo foi possível encontrar estruturas narrativas, alternativas de simplificação do processo de animação, de etapas de ilustração até etapa de animação e auxiliou o processo de comunicação com mais intenção e clareza dentro de uma linguagem visualmente impactante.

6. Conclusão

O processo como um todo foi bastante desafiador, apresentando vários percalços, obstáculos tanto em relação a aspectos íntimos quanto estruturais. A falta de equipe e de insumos para a produção das demais pré-etapas se mostrou profundamente impactante e relevante, ao ponto que essa falta definiu quão longe esse universo poderia se desenvolver.

A gestão de tempo também foi um fator delimitador do quão distante esse produto poderia caminhar. Por exemplo, durante os processos de escrita do roteiro me vi muitas vezes concentrado em pontos e detalhes pequenos a fim de justificar ações dentro de cenas enquanto havia lacunas dentro da estrutura da narrativa que precisavam ser preenchidas. Também não foi possível desenvolver esse universo mais no campo gráfico e visual para ampliar a complexidade da obra. Mas esse processo de prioridades só foi possível de ser enxergado através da experiência, de falhar nesse local e precisar recalcular rotas.

Durante etapas da pesquisa também houve falta de foco e talvez de um direcionamento metodológico ao coletar as informações, pois muitas vezes me vi lendo livros para alcançar conceitos que se revelavam superficiais dentro de algumas obras.

Apesar dessas limitações, o projeto e o produto foram uma grande e enriquecedora experiência, pois através deles foi possível acessar densidades conceituais do campo da psicologia que me permitiram desenvolver mais profundamente os personagens. A pesquisa me fez visualizar dores típicas vivenciadas por um grupo e assim oferecer alternativas de cura. Ao desenvolver os personagens, por consequência, o universo do roteiro também se adensou.

Através da pesquisa foi possível encontrar maneiras alternativas de masculinidades que não precisavam repetir padrões hegemônicos. Foi possível compreender a motivação pela qual muitos homens não se engajam na luta pela ecologia, e com esse diagnóstico, propor alternativas de convivência entre homens e a natureza, bem como encontrar alternativas de espaços de pertencimento dentro desse bioma. Ademais, pude propor uma autorrealização para esses homens a fim de auxiliá-los a enxergar o seu papel nesse ecossistema. Papel de responsabilidades, decisões, ações e mudanças nas suas motivações.

A experiência vivenciada no projeto, as trocas feitas com uma comunidade, o processo terapêutico, os aprofundamentos sobre os estudos das masculinidades, a maturação

e paciência com os processos culminaram em um produto consciente com objetivo claro de conectar grupos que há muito tempo estão afastados, e auxiliar homens a se enxergarem dentro da natureza que os rondam. Através dessa ligação, o objetivo dessa narrativa ao retratar esses homens, é oferecer mais um caminho para que eles se vinculem com a luta pelo bioma Cerrado, que há tanto tempo no Brasil tem sido menosprezado, explorado e destruído.

Para fins de viabilização do futuro do projeto os próximos passos envolvem desenvolvimento dos próximos episódios desse universo através dos outros roteiros, concomitantemente com a convocação de pontuais pessoas de confiança para auxiliar na elaboração em outras camadas do audiovisual, a fim de propor a série em editais. Por se tratar de uma pauta ambiental, o foco será justamente naqueles editais que estimulam a ecologia, promovam temáticas para relacionamentos *queer* e para editais que visam a construção de um repertório cultural e educação acerca do Distrito Federal.

Pessoalmente, caminhar por essa experiência do TCC foi muito valioso para o meu amadurecimento e crescimento pessoal, agora é possível enxergar isso. Foi um movimento que expôs a necessidade constante de me desafiar e me desenvolver à medida em que eu precisava falar sobre esses personagens, construir esse produto, dar mais e mais passos, conhecer mais de mim e do meu espaço geográfico. A arte sempre transforma.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA JÚNIOR, Alberto Lucena. **Arte da animação. Técnica e estética através da história.** São Paulo. Ed. Senac. 2005.
- BENEVIDES, BRUNA G. **Dossiê assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2023.** ANTRA. Disponível em: <https://antrabrasil.org/wp-content/uploads/2024/01/dossieantra2024-web.pdf> e [Assassinatos – Associação Nacional de Travestis e Transexuais](#). Último acesso em 22 de janeiro de 2025.
- CAMPBELL Joseph John. **A Jornada do Herói.** (1990)
- CAMPBELL, Joseph John. **O Poder do Mito.** São Paulo: Palas Athena, 2009.
- COMPARATO, Doc. **Da Criação ao Roteiro.** (1984)
- CONNELL, Raewyn. 1987. ***Gender and Power: Society, the Person, and Sexual Politics.*** N.p.: Stanford University Press.
- FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **18º Anuário Brasileiro de Segurança Pública.** São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2024. Disponível em: <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/handle/123456789/253>. Acesso em: 22 de Janeiro de 2025
- HULTMAN, Martin. e PULÉ, Paul M. 2023. ***Masculinidades Ecológicas.*** N.p.: Bambual Editora.
- JUNG, Carl Gustav. **Arquétipos e o inconsciente Coletivo.** (1959)
- JUNG, Carl Gustav **Memórias, Sonhos, Reflexões** (1961)
- JUNG, Carl Gustav **O Homem e seus Símbolos** (1964)
- KAPLAN, Elizabeth Ann. **Women and Film: both sides of the camera.** New York: Methuen, 1983.
- LAUZEN, Martha M. **The Celluloid Ceiling: Behind-the-Scenes Employment of Women on the Top U.S. Films of 2020 (2020)**
- Márcia Cristina CECCHI; Jackeline Milena SILVA; Leila Maia MAZUR; Mariana LIMA; Monique TSCHA; Paulo NEGRI Filho. **Uso da animação como incentivo à preservação da natureza pelas crianças.** (2010)
- MCKEE, Robert. **Story.** (1997)
- MULVEY, Laura. **Visual pleasure and narrative cinema. In: Visual and other pleasures.** Indiana University Press, Bloomington and Indianapolis, 1989.
- [WWF Brasil](#), **Manifesto do Cerrado**, 2017.

NOTÍCIAS

João Rosa, da CNN , Brasília Incêndios devastam 88 milhões de hectares no Cerrado em 39 anos, diz estudo. Disponível em [Incêndios devastam 88 milhões de hectares no Cerrado em 39 anos, diz estudo | CNN Brasil](#) Acesso em: 14 de Fevereiro de 2025

Raquel Freitas, G1 Minas. Tragédia de Mariana, 5 anos: sem julgamento ou recuperação ambiental, 5 vidas contam os impactos no período.

[Tragédia de Mariana, 5 anos: sem julgamento ou recuperação ambiental, 5 vidas contam os impactos no período | Minas Gerais | G1 \(globo.com\)](#) Acesso em: 14 de Fevereiro de 2025

Tiago Miotto, da ASCOM/CIMI. Pelo menos seis terras indígenas sofrem com invasões e ameaças de invasão no início de 2019.

[Pelo menos seis terras indígenas sofrem com invasões e ameaças de invasão no início de 2019 | Cimi](#) Acesso em: 14 de Fevereiro de 2025

Nicola Pamplona, Folha de São Paulo. Vale sabia de riscos em Brumadinho desde 2003, diz comissão de investigação.

[Vale sabia de riscos em Brumadinho desde 2003, diz comissão de investigação - 21/02/2020 - Cotidiano - Folha \(uol.com.br\)](#) Acesso em: 14 de Fevereiro de 2025

Marcia Sousa. Alertas de desmatamento na Amazônia e Cerrado batem recorde em março.

[Alertas de desmatamento na Amazônia e Cerrado batem recorde em março \(ciclovivo.com.br\)](#) Acesso em: 14 de Fevereiro de 2025

Jade Abreu, Em 18 dias, DF teve mais áreas queimadas do que em 8 meses de 2024

[Em 18 dias, DF teve mais áreas queimadas do que em 8 meses de 2024 | Metrôpoles](#) Acesso em: 14 de Fevereiro de 2025

Lucas Guaraldo, IPAM Área queimada no DF em setembro já é 24% maior do que a

registrada o ano todo [Área queimada no DF em setembro já é 24% maior do que a registrada o ano todo - IPAM Amazônia](#) Acesso em: 14 de Fevereiro de 2025

FILMOGRAFIA

Studio Ghibli. **A viagem de Chihiro.** (2003)

Studio Ghibli. **O menino e a garça** (2024)

Studio Ghibli. **Porco Rosso**

Castlevania: Noturno (2025)

Cartoon Network. **Adventure time.** (2010)

Walt Disney Animation Studios. **Moana.** (2017)

Studio Team Kato. **Pokémon series**, episódio 66. (2019)

Liden Films. **Child of Kamiari Month.** (2021)

Dagmar Talga. **Sertão Serrado.** (2016)

Pedro De Castro Guimarães. **VELLOZIA** (2024)

Anexo 1 - Roteiro**CÉU E CERRADO - A LENDA**

Animação, Drama, Amadurecimento

Carlos Guilherme Silva de Paula

1. EXT. ENTRE NUVENS. TARDE

Em uma imensidão de nuvens sombrias, uma figura humana é envolvida por nuvens. Vozes soprosas falam inteligivelmente. Ninguém próximo.

CÉU, cabelos brancos, várias camadas de tecidos semi transparentes e com uma CORRENTE no pescoço escondida entre os braços chora sentado e encolhido.

OLHOS MALIGNOS, pontiagudos como olhos de feras na escuridão, condensam-se em nuvens escuras e se movem na direção dele. O sussurro aumenta. Um trovão cresce em volume. Um relâmpago. Risos de escárnio. Céu morde os molares. Ele desencosta a corrente do seu pescoço que mais de perto revela ESPINHOS.

Um vento forte empurra as nuvens. A corrente em seu pescoço é puxada. Ele grita de dor e percebe que é puxado em direção das nuvens sombrias com olhos. Ele crava as mãos nos espinhos e força para impedir mas as nuvens encostam em sua pele. Olhos brotam rasgando em seu braço e sua respiração é sugada.

Uma luz gradualmente surge de dentro de Céu e explode em raios. Ele se solta do puxão e voa longe em zigue-zague. As nuvens o cercam. Ele expande ar para os lados mas de imediato as nuvens o afogam concentricamente. Céu explode em raios mais uma vez. OLHOS MALIGNOS ainda maiores se revelam nas nuvens atrás pelas sombras do flash. Risos.

Sem forças Céu se deixa cair do alto e mergulha rumo a terra.

2. EXT. PÉ DA CACHOEIRA. TARDE

Céu abre os olhos com dificuldade. Lapsos visuais junto a risos, trovões e sussurros. De repente o som de água caindo sobrepe todos os outros sons. Uma enorme cachoeira está à sua frente. Nenhuma nuvem ao seu redor.

Animais escondidos esbarram em pedras e tremem. Ao ver, Céu cerra as mãos e corre para a direção oposta quando esbarra em algo. Uma outra entidade, CERRADO. Cachos, uma pele marrom avelã, e tecidos leves compõem a aparência. Ele olha intensamente para Céu.

Uma nuvem cumulonimbus cresce nas costas de Céu e começa a envolver os dois. Os olhos amarelos se movem a cada movimento que Céu faz até que expressam compaixão. Um pequeno flash de luz rouba a atenção de Céu. Os dois estão quase enclausurados

por uma esfera de nuvens. Rapidamente Céu tenta dissipar, de ímpeto ele se joga para fora, cai e esbarra em pedras. A esfera se desfaz.

Cerrado estende a mão. Céu recusa e levanta sozinho. O corte no pescoço de Céu sangra. Cerrado o segura pelo pulso e direciona a mão para o pescoço. Céu vocifera. As nuvens se armam como penas de pavão apontadas para Cerrado. Os animais ao redor grunhem e tremem. Ao perceber as nuvens Céu se apavora e voa de imediato para a mata.

3. EXT. FLORESTA. NOITE.

Gotas caem entre folhas e arbustos retorcidos. Relâmpagos revelam as silhuetas da mata. Céu está prostrado entre as pernas. Sons de correntes sendo arrastadas, relâmpago.

Céu, entre nuvens e sem a corrente no pescoço abraça um HOMEM. Vários olhos malignos surgem na escuridão e apontam para eles.

Na mata, lágrimas escorrem do rosto de Céu junto à chuva. Relâmpago.

Entre nuvens, o Homem acaricia seu rosto enquanto limpa as lágrimas, levanta o queixo e beija a testa dele. Tentáculos saem da escuridão e puxam eles. Eles se seguram pelas mãos. Uma corrente de arame é colocada envolto ao pescoço de Céu. Um tentáculo puxa a corrente e Céu grita.

Relâmpagos revelam numa poça o rosto de Céu que em uma metade se vê vários OLHOS MALIGNOS junto a um sorriso macabro e na outra desespero. Céu prostrado soca a poça com o reflexo e geme em dor, o reflexo ri. Céu dá uma sequência de acertos até que ele dá um tapa sem força. Sem forças ele tenta romper a corrente do pescoço e corta as mãos. Lágrimas.

Ele se arrasta e desmaia debaixo de uma árvore. A chuva cai na floresta. Uma folha enorme de TAIOBA cresce e o cobre.

4. EXT. FORMAÇÕES ROCHOSAS. MANHÃ

Bem-te-vis e outras aves cantam distante. A folha de TAIOBA retrai e some. O vento bate nas folhas e raios de sol vazam em seu rosto. Ele abre os olhos e treme com o vento.

A mata se move com o vento que alcança seus cabelos, ele respira fundo com prazer. Uma pequena área brilha ensolarada à frente. Ele caminha até a luz e senta apoiando-se em uma

árvore, ele espreguiça.

No galho retorcido, araras trocam afeto em um ninho. Céu sorri mas aos poucos fica triste. Risos ressoam. Sombras se intensificam, ele fecha os olhos. Pequenas nuvens negras se formam no meio do seu peito.

De repente Céu está de frente a cachoeira mas não há água fluindo.

Barulho de correntes. Uma vinha rapidamente envolve o pulso dele e levanta sua mão, Céu se levanta ofegante. Cerrado com uma lobeira na boca, pendurado em um galho, estuda a mão de Céu.

Céu, se desvencilha da vinha e repara as mãos. Folhas simulam bandagens e envolvem as feridas. Céu fecha os punhos que soltam estática. Nuvens escuras surgem nos ombros.

Cerrado ri. Várias plantas brotam e rodeiam Céu. Passos acelerados. Uma vinha cutuca as costas de Céu, ele se vira e ameaça um murro na direção do toque mas não há ninguém ali. Céu se assusta com outro toque e ao olhar para trás vê Cerrado passando uma seiva na ferida da outra mão.

A estática no corpo e Céu aumenta. Em um flash Céu se percebe direcionando um soco em direção de Cerrado mas, antes de acertar, ele muda a direção do ataque para cima, expelindo um raio avassalador.

Cerrado rindo inconsequentemente faz um gesto de rendimento. Céu ofegante, olha para as mãos tremendo. Seu semblante fica triste e ele foge em meio às árvores. Ao olhar para trás vê um sorriso que some entre plantas.

5. EXT. CERRADO DENSO. FIM DE TARDE

Céu, por trás de arbustos, encontra um círculo de flores e CANELAS-DE-EMA em meio a mata densa. No centro, Cerrado está cobrindo uma flor pequena de fagulhas e em meio a cinzas.

Cerrado põe o indicador no meio da flor que protege e extrai pólen. Duas pétalas voam da flor, uma ele alcança e a outra desintegra com uma fagulha.

Com pólen nos dedos ele salpica entre as cinzas. Flores violetas brotam aceleradamente. Cada uma com linhas, direções e formatos diferentes. Cerrado com a pétala capturada, amassa, extrai a seiva e passa em uma queimadura que rapidamente some. Céu sorri admirado e Cerrado repara a presença dele.

Com movimentos de um maestro, Cerrado ergue as mãos. As árvores obedecem e fazem movimentos hipnóticos. Outras plantas soltam folhas multicoloridas ao vento que rodeiam ele.

Céu tenta mimetizar o gesto de Cerrado mas leva um choque de uma pequena nuvem. O sol começa a se pôr. Muitos animais se reúnem e arrastam Céu. Quando enfim se dá conta está sendo visto em uma ciranda. Céu tenta sair mas o movimento o impede. Cerrado, do outro lado, ri.

Uma luz quente brilha no centro das flores. Cerrado separa um jarro com uma delas e oferece sorrindo para Céu que arregala os olhos ao receber. Cerrado e Céu sorriem.

Uma estática em seu corpo atinge uma pequena nuvem que o acompanha, em resposta, ela expande aceleradamente cobrindo os arredores. Relâmpagos e vento forte. Céu olha desorientado para os lados. Os animais fogem e se abrigam, as luzes se apagam e a chuva toma conta. A mata agora é escura e fria. A corrente é puxada Céu fecha os olhos e se prostra.

Barulhos de água. Céu olha para trás. Cerrado está pulando entre poças e se divertindo. Céu se espanta, Cerrado o puxa para brincar, estática nos olhos de Céu.

6. MONTAGEM DE PLANOS

Cerrado caminha ofegante carregando um animal quando uma pequena nuvem disforme o cobre, Cerrado ri. Céu sente dor no pescoço, uma cumbuca com seiva cai do alto junto a folhas, Céu sorri e passa na ferida. Céu e Cerrado caminham juntos, Cerrado escala um terreno íngreme com facilidade, Céu se esforça para se aproximar, Cerrado oferece a mão. Céu hesita mas aceita a ajuda. Cerrado sorri. Cerrado faz gestos de maestro e várias flores se abrem. Céu ri e repete os gestos de Cerrado, Cerrado percebe. Um Lobo-Guará encontra Céu sozinho, ele bate o focinho no braço dele e solta da boca um PINCEL IMPROVISADO.

7. EXT. ALTO DE UM MORRO. TARDE.

Céu olha para o horizonte com um olhar ansioso. A sua frente um infinito cinza. Ele olha para o pincel e o aproxima do peito.

Céu respira fundo e faz um gesto de pincelada, no horizonte as nuvens lentamente obedecem. Céu solta o ar aliviado. Ele faz mais alguns gestos e o horizonte se monta, Céu sorri.

A corrente é puxada de leve. Seu corpo enrijece com um calafrio. Risos distantes. Céu respira fundo e ignora. Seu semblante fica sério.

Ele faz mais um gesto de pincelada mas um turbilhão de nuvens tempestuosas começam um temporal. Céu tenta segurar as nuvens, mas elas aumentam cada vez mais.

Uma ventania começa a puxar árvores. Plantas caem e animais buscam abrigo, um pequeno gato-maracajá fica ilhado. Céu voa para ajudá-lo. A corrente é fortemente puxada, Céu luta contra e vence mas ao avançar um raio o atinge nas costas. Seu rosto desesperado fica apático e ele é arrastado para o alto.

Cerrado salva o Gato-maracajá e olha para cima, Céu some entre as nuvens. A chuva cessa e um horizonte melancólico, frio e lindo se forma.

8. EXT. ENTRE NUVENS. FIM DE TARDE

Entre nuvens Céu está de pé, apático. As nuvens deslizam lentamente em sua direção. Ele olha para a frente. Vazio.

O sol e a lua começam a passar rapidamente. Até que a lua para no meio. O vento intenso move sua roupa e seu cabelo de forma imprevisível. A corrente é puxada de leve e lágrimas vazam.

O vento aumenta. Ele estende a mão para a frente tentando alcançar algo. OLHOS MALIGNOS surgem nas sombras ao seu redor. A sua frente uma silhueta segura sua mão. O vento vem em ondas, hora intensa e hora fraca, ele titubeia.

No primeiro e esforçado passo uma chuva cai intensamente. Os OLHOS MALIGNOS rondam ele rindo. Com dificuldade, ele dá mais um passo junto a silhueta e uma tempestade começa.

O vento sopra rajadas de todos os lados, os impactos acertam como socos. As mãos de Céu e a silhueta são separadas e um raio cai na frente de Céu. Gritos de sofrimento. Seu rosto apavorado é iluminado. Seus olhos brilham até que um impacto intenso é ouvido. Os gritos cessam e Céu fecha os olhos.

Uma rajada de ar em sua perna o derruba. Caído, a corrente o arrasta freneticamente.

Ele é largado. Céu se levanta com dificuldade. A sua frente uma silhueta meio disforme semelhante a de Céu. Ela se vira rindo, olhos se abrem nos braços, no rosto, na mão e apontam

para Céu em choque.

Uma rajada acerta sua cabeça e, nocauteado, ele cai do alto. Nuvens escuras se formam ao redor dele e falham em sustentá-lo. Céu, semi acordado vê suas lágrimas flutuando e borões verdes da terra se aproximando. Um impacto o atinge, uma enorme árvore cresce a sua frente e Cerrado o segura nos braços em queda livre.

Céu arregala o olhar. Estática. Ele rapidamente tenta conjurar nuvens mas elas dissipam. Próximos a um Jequitibá, cipós formam uma rede que segura os dois. Cerrado aterrissa sem fôlego...

FADE TO BLACK

9. EXT. VEREDA. TARDE

Som de água fluindo distante. Céu está em meio às flores. A memória dele sendo arrastado pelas nuvens é interrompida por Cerrado emitindo um assobio, ele faz um gesto de convite perto da beira da água. Céu recobra o fôlego.

Cerrado estende a mão, Céu olha para ele mas o sol ofusca. Céu ameaça aceitar a mão. Uma estática caminha nos seus dedos e ele desvia a mão ao pescoço.

Cerrado abaixa a mão e se afasta. Céu arrisca falar algo mas ao olhar para frente ninguém está lá. Ele se recolhe e pequenas nuvens escuras se formam atrás.

Galhos se movem no alto e emitem raios de luz que atingem a água e refletem no rosto de Céu, curioso ele se aproxima.

Uma imensidão de água azul esverdeada que não se enxerga o fundo. Passos rápidos. Céu está nos braços de Cerrado caindo no meio do poço.

Embaixo d'água Céu esperneia. Cerrado ri e rodeia ele. Cerrado vai para atrás de Céu e direciona seu rosto para a superfície da água. Céu se surpreende.

Uma imensidão cristalina, feixes de luz desenham retas pela escuridão densa da água, o teto da superfície reflete a profundidade do lago tal qual as pedras e folhas próximas à superfície, bolhas acusam o movimento e o fluxo da água. Eles flutuam na imensidão parados olhando para a paisagem.

10. EXT. ALTO DE UM MORRO. FIM DE TARDE SOL.

Céu e Cerrado estão na beira de um morro. Gotas caem do corpo. Céu olha para Cerrado que olha para o horizonte sorrindo. Céu sério fecha os olhos. Água bate flui pelo rio, o vento sopra as folhas e a grama. Céu suspira.

Cerrado faz um grunhido e disfarça com um sorriso exagerado. Céu encara suspeito. Cerrado aponta para o céu vazio e em seguida para o pincel em seu pulso. Céu nega com a cabeça. Cerrado mantém o olhar para Céu. Céu fica tímido e desvia.

Cerrado pega sua mão e segura o pincel, Cerrado faz um animal estranho e Céu ri. Cerrado fica emburrado. Céu ri mais intensamente, respira fundo e pega a mão de Cerrado. Estática. Ao desenhar no horizonte eles brilham de leve.

11. EXT. ALTO DE UM MORRO. TARDE.

Céu abre os olhos e acalma a respiração. Ele traz o pincel para o peito. Estática.

Céu desenha no horizonte e as nuvens surgem escuras junto a um vento forte, ele titubeia mas Cerrado o apoia com a mão. A corrente puxa. Raiva no rosto de Céu.

Céu está de frente para a cachoeira que não flui água.

Ele se mantém desenhando. Outro Puxão. Uma tempestade ruga à sua frente. Outra pincelada, outro puxão. Nuvens negras saem de dentro dele e causam rajadas de vento. Outra pincelada, outro puxão corta seu pescoço. Céu grita furioso frente a uma enxurrada de raios.

Cerrado pega a mão de Céu preocupado e em seguida sorri. Céu relaxa por alguns instantes. Estática.

Um forte puxão, as mãos começam a se separar. Céu solta as mãos, vira de costas em altíssima velocidade e pega um raio que ia em direção ao rosto de Cerrado. O raio se dissipa em seu corpo.

Céu, furioso, segura a corrente e se deixa ser puxado. Nuvens negras o acompanham para o alto.

Cerrado grita do chão. Ele olha rapidamente para os lados, pega distância, pula e captura a corrente com vinhas.

12. EXT. ACIMA DAS NUVENS. FIM DE TARDE.

As nuvens negras condensam-se em uma silhueta. Céu sorri e abraça a silhueta que entra dentro dele. Ao redor de seu tronco surge uma camisa kimono feito de nuvens negras.

A corrente aperta e ao tocar nela um tornado de bestas, gritos e risos emergem. Uma tempestade começa.

Céu, sério, desliza o pincel no ar como se fosse uma tela. Grandes nuvens sombrias saem junto a rajadas de vento que batem de frente com os OLHOS MALIGNOS.

Raios começam a ser arremessados em sua direção à medida que ele pincela novas nuvens. Ele desvia e os redireciona.

As nuvens são lentamente corrompidas ao tocarem nos Olhos. Vários raios são lançados. Ofegante, ele não consegue pincelar.

Risos distantes. Uma corrente é presa em seu calcanhar. Suas nuvens se corrompem. Um raio o acerta e Céu se ajoelha.

As nuvens o cercam. Escuridão. Uma forte pressão de ar.

Entre a escuridão Céu vê uma mão brilhar. Contra o ar ele caminha em direção à luz. Estática. O som da cachoeira fluindo sobrepõe os outros sons. Silêncio. Luzes azul e laranja brilham e dissipam a escuridão. Céu e Cerrado estão de testas coladas. Céu beija Cerrado. A corrente do pescoço cai e seu corpo se eletrifica.

Os Olhos Malignos avançam violentamente sobre os dois. Céu com lágrimas nos olhos sorri para Cerrado e acaricia seu rosto. Ele voa para o alto.

Prestes a tocar os OLHOS MALIGNOS Céu lança vários raios e os dissipa. Outras correntes são colocadas nos outros membros de Céu, mas em sequências elas caem.

Compenetrado Céu faz um gesto de pincelada que deixa rastros de eletricidade. Os OLHOS MALIGNOS se dissipam restando um olho minúsculo. Céu prende ele em uma esfera.

O sol brilha em meio a chuva acima das nuvens. Céu inspira fundo e chora feliz.

Cerrado sente a chuva sorrindo, ele olha para Céu e cai desacordado, Céu abafa a queda e olha preocupado.

13. EXT. CERRADO DENSO. ANTES DO NASCER DO SOL.

Céu e Cerrado estão dormindo debaixo de um PÉ DE IPÊ BRANCO. Céu acorda com Cerrado a sua frente. Cerrado está pálido, seu tórax infla e desinfla lentamente. Seus olhos puxados franzem. Céu desenha o relevo da boca de Cerrado com os olhos e ao perceber se vira rapidamente. Sua respiração acelera, estática fraca pelo seu corpo, sua bochecha cora.

Ele se senta empolgado, respira fundo e caminha.

14. EXT. VALE. NASCER DO SOL

Céu está no pico ordenando nuvens que voam por trás dele e culminam em sua frente. As fibras do pincel deslizam no vento. Céu concentrado limpa o suor do rosto.

Aos poucos o sol nasce e ocupa o centro do horizonte. Uma vibrante luz em degradês de LARANJA E AMARELO contrastam com o azul escuro. Em uma composição circular as nuvens formam vários arcos que se direcionam para o centro. Uma flor surge com a luz que vaza por entre as nuvens.

Cerrado aparece esfregando os olhos e com o cabelo bagunçado. Céu repara e corre em direção de Cerrado. Estáticas leves, Ele junta ar nos pulmões, abraça Cerrado e revela a paisagem.

Cerrado se surpreende e chora expelindo muita água e catarro. Ele emite um som feliz e se joga em Céu que quase cai. Céu se incomoda com o exagero e em seguida sorri tímido. Os dois no pico do morro olhando o nascer do sol. Ao tocarem as testas eles brilham juntos.

15. MONTAGEM DE PLANOS

Céu e Cerrado descem um morro em alta velocidade, Céu em uma nuvem e Cerrado correndo, Céu dispara a frente e Cerrado ofegante fica para trás. Cerrado colhe frutas e traz para um piquenique. Sua perna doi e ele geme. Céu desconfia e Cerrado se levanta num pulo e alonga a perna. Cerrado pálido, aparece com o tronco coberto de tecidos, Céu estranha e se aproxima, Cerrado aponta para o nada e desaparece. Céu com orelhas de gato feito de nuvens faz careta. Cerrado pálido, ri e de repente tosse, ele fraqueja e cai prostrado. Céu o apoia. Ao tocar no corpo de Cerrado estranha. Por debaixo da veste todo o corpo de Cerrado está rachado. Céu grita em choque.

16. EXT. MATA DENSA .TARDE

Cerrado, em posição fetal, agoniza de dor. Uma rachadura se abre no seu rosto e ele geme.

Animais e vozes gritam distante. Ele coça a cabeça repetidamente. Céu estende a mão, Cerrado sorri consternado e nega ajuda.

Uma luz pulsa de dentro dele. Cerrado geme e morde o lábio. Céu chora impotente e emite sons inteligíveis.

Cerrado se levanta sorrindo. Tontura. Mais um pulso de luz. Cerrado morde os molares e repetidamente arranha a cutícula da ponta do polegar.

CÉU
(entre ruídos)
Me deixa ajudar.

Cacofonia. Gritos. Som de árvores se rachando. Cerrado aperta a mão e suas unhas sangram. Batimentos cardíacos aceleram. Céu chorando. Lapsos visuais de tratores. Cacofonia de sons. Céu toca em uma rachadura. Cerrado vocifera.

CERRADO
EU...

Canelas de ema e outras plantas afiadas e pontiagudas brotam do chão.

CERRADO
NÃO PRECISO...

As plantas crescem por trás de Cerrado em enorme quantidade, como espinhos de um porco espinho em direções variadas mas a maioria apontadas para a direção do Céu.

CERRADO
DE AJUDA.

Vista instável e desfocada. Um piscar. Os braços, tronco e pernas de Cerrado estão sangrando. Céu desesperado estende a mão. Outro piscar. Uma planta em forma de estaca atravessa a mão de Céu. Sangue escorre. Cerrado arregala os olhos e sua vista falha. Céu incrédulo fita sua mão. As plantas retraem para a terra.

Cerrado gagueja sons em prantos. Chocado ele se levanta, tropeça em si e foge em meio à mata.

17. EXT. MATA QUEIMADA. TARDE.

O chão treme e perde cor. Árvores carbonizadas caem. Céu está pasmo entre chamas olhando para baixo. Cerrado está MORTO e SEM LUZ no seu colo. Um HOMEM DE BOTAS BRILHANTES gargalha. Um trovão ecoa. Animais se escondem e fogem de perto de Céu.

18. EXT. MORRO. ENTARDECER

Acima das nuvens, numa imensidão cinzenta e tempestuosa, Céu está parado em pé, relâmpagos brilham por dentro de seu corpo. Ele faz movimentos lentos e contidos, mas seus músculos revelam esforço. Uma nuvem escurece toda a região do acampamento humano. Sons de trovões se aproximam em uma crescente.

Ele olha para o pincel. Uma lágrima escorre. Ele grita. Uma tempestade começa a cair sobre a região. Animais tremem escondidos. Uma torrencial de água é diluída pelas árvores e vegetação mas ao atingir a área desmatada forma um deslizamento.

O tecido molhado no corpo de Céu solta água na velocidade dos movimentos. Sons de estruturas se destruindo. o Humano de botas brilhantes olha para a construção da cidade pelo alto.

O pincel brilha. A chuva forma uma enchente no acampamento que derruba estruturas e carrega trabalhadores. Um homem resgata 3 crianças. Raios.

O pincel brilha mais forte. Céu nega com a cabeça. Um casal de mulheres colam as testas e se seguram em meio ao vendaval.

O Espírito do Cerrado o abraça. Ele olha para trás. Ninguém. Uma luz surge entre nuvens. Na ponta do morro uma jovem com colar que brilha laranja olha para Céu.

Em seu pulso o pincel brilha e ao pegar ele, o pincel brilha laranja e azul. Céu grita em prantos .

Movimentos rápidos com paradas bruscas em uma mão e deslizos suaves com a outra que segura o pincel. Humanos saem de seus abrigos olhando para os lados. Dália olha com dificuldade para o céu e no por do sol uma paisagem melancólica surge.

Uma nota ecoa enquanto cada vez mais distante vemos a paisagem.

TIA

(Voice Over)

"O céu? São cartas de amor minha filha, cartas para um amor pouco vivido mas intensamente sentido. E por amor, traduzido como horizontes para todo ser vivo."

CRIANÇA

(Voice over)

Titia, mas e o Cerrado?

FADE TO BLACK

19. ALTO DO MORRO. MANHÃ (PÓS CRÉDITOS)

Batimentos acelerados, sons de madeira se rompendo e cacofonia de sons de construção. CERRADO uma figura humana com cabelos cacheados, olhos puxados está ofegante e com semblante triste. Ao chegar no alto de um morro ele para e olha para o horizonte e respira fundo.